

Poemas em cinza e ouro: O itinerário português de Ronald de Carvalho

[Poems in ash and gold:
Ronald de Carvalho's Portuguese Journey]

Fernando Carmino Marques*
Jerónimo Pizarro**

Palavras-chave

Ronald de Carvalho, Poesia, Portugal, Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio, *A Águia*.

Resumo

Neste artigo, sobre a receção da poesia de Ronald de Carvalho em Portugal, destacam-se os poemas que o poeta brasileiro deu à estampa entre 1914 e 1921, nomeadamente a través da revista *A Águia*, e algumas reações críticas que a sua poesia suscitou. Alguns desses poemas foram incluídos em *Poemas e Sonetos* (1919), com notáveis variações. Nos Anexos figura uma carta de Fernando Pessoa para Ronald de Carvalho, sobre o livro *Luz Gloriosa* (1913), que merecia ser reeditada (o rascunho e a versão enviada), e outra póstuma, para o mesmo destinatário, redigida por Vitorino Nemésio, em que o escritor açoriano defende que Portugal e o Brasil se devem unir na defesa e afirmação da sua língua comum sem prejuízo das diferenças entre os seus falantes.

Keywords

Ronald de Carvalho, Poetry, Portugal, Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio, *A Águia*.

Abstract

In this article, focusing on the reception of Ronald de Carvalho's poetry in Portugal, particular attention is given to the poems that the Brazilian poet published between 1914 and 1921, especially through the magazine *A Águia*, as well as some critical reactions that his poetry elicited. Some of these poems were included in *Poemas e Sonetos* (1919), with notable variations. In the Appendices, there is a letter from Fernando Pessoa to Ronald de Carvalho about the book *Luz Gloriosa* (1913), which deserves to be republished (both the draft and the sent version), and a posthumous letter to the same recipient, written by Vitorino Nemésio. In this letter, the Azorean writer argues that Portugal and Brazil should unite in defending and promoting their common language, without disregarding the differences between their speakers.

* Universidade de Atenas.

** Universidad de los Andes, Departamento de Humanidades y Literatura; colaborador do Centro de Estudos de Teatro e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias.

Poucos dias depois da publicação do primeiro número de *Orpheu* (março de 1915) a revista *A Águia* assinalava na sua recensão bibliográfica o primeiro livro de Ronald de Carvalho, *Luz Gloriosa*, como uma obra original em que predominam o ritmo, a cor e a beleza da expressão “deste nosso irmão de além mar”: “Ritmo, côr, beleza da expressão – perpassam pela *Luz Gloriosa* como bizarras scintilações de pedras finas” (*A Águia*, n.º 40, abril de 1915: 168; <https://purl.pt/12152>).

Carvalho, que junto a Luís de Montalvor foi um dos diretores de *Orpheu*, já tinha publicado em janeiro de 1915 na revista *A Águia*, então dirigida por Teixeira de Pascoas e o pintor António Carneiro, um artigo intitulado “O Irreal na Arte”, em que comentando uma exposição realizada no Rio de Janeiro, em 1914, descrevia o pintor nascido em Amarante como “o maior criador de coloridos depois do Sol” (*A Águia*, n.º 37, janeiro de 1915: 32).¹

Em 1916, numa outra revista portuguesa, *Alma Nova*, Carvalho publicou uma iluminura poética em forma de soneto para D. Quixote, com o título “A Estrada sem Fim”, poema que tencionava incluir num futuro seu livro intitulado *Do Amor*, projeto editorial que aparentemente não chegou a concretizar (*Alma Nova*, ano II, n.º 4, abril, 1916, p. 55; <https://purl.pt/27274>)². Nesse mesmo número, um dos diretores da revista, Mateus Moreno³, apresentou na sua “Crónica do mês”, de forma vaga e entusiasta, Ronald de Carvalho como um dos maiores poetas novos do Brasil: “Autor de um livro precioso [*Luz Gloriosa*], onde cada uma das suas poesias é uma verdadeira grinalda de Sól a engalanar a Vida” (p. 62). E Mateus Moreno prossegue afirmando que se não bastasse a leitura do soneto “A Estrada sem Fim” para se ter uma clara demonstração do talento do jovem poeta, o “Soneto Verde”, extraído de *Luz Gloriosa*, seria a prova evidente desse talento. “Poeta forte, insaciável, cheio da luz gloriosa do talento, Ronald de Carvalho, honrando as letras modernas do Brasil, é bem a expressão colorida e arrebatadora do Poeta dos nossos dias” (p. 62). Admiração que levou o crítico a publicar na íntegra o soneto em questão, segundo Moreno, um “glorioso hossana” e uma “inconfundível joia”.⁴

¹ Esta publicação não seria a única de Ronald de Carvalho na revista portuense, pois nela publicou em diversas ocasiões: cf. os números 31 (julho de 1914, p. 16; cf. Fig. 3); 37 (janeiro e 1915, pp. 30-33); 39 (março de 1915, pp. 114-116; cf. Figs. 11a, 11b e 11c); 42 (junho de 1915, pp. 242-243; cf. Figs. 8a e 8b); 43 (julho de 1915, pp. 22-24); 51 (março de 1916, p. 86; cf. Fig. 6); 109-111 (janeiro-março de 1921, pp. 86-88) e 112-144 (abril-junho de 1921, pp. 122-123; cf. Figs. 12a e 12b). Cf. https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/a-aguia/index/aut_0000028908/author

² Veja-se a revista completa na página da Hemeroteca Digital (Lisboa): https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AlmaNova/IIserie/N04/N04_master/AlmaNovaIIserieN04.pdf

³ Sobre Mateus Martins Moreno (1892-1970) consulte-se este recurso: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Dicionariojornais/Textos/AlmaNovaIIserieN04.pdf>

⁴ Nessa mesma crónica Mateus Moreno refere-se ao suicídio de Sá-Carneiro nestes termos: “Encerramos, porém, este mês, com duas notas de tristeza: – a morte da querida avosinha do nosso compatriota A. Bustorff e o suicidio, em Paris, do malogrado moço poeta Mário de Sa-Carneiro” (p. 62).

Soneto Verde

Velha galéra... ao Mar... reteza teos cordames,
 cada véla é uma estrofe onde o vento soluça...
 Molha a carena e zarpa... a indolencia aos infames...
 tua audácia hade ser uma gloria inconcussa...

Sonha minas de luz... evoca áureos enxames
 de thesouros senfim... aceita a escaramuça
 dos arrecifes mãos... e entre as ondas acclames
 o ouro flavo do Sól que, entre os longes, se imbuça...

Regouge o temporal no Silencio das agoas,
 esmechando calháos... estilhaçando mastros...
 corre sobre os parceis... afóga as tuas maguas...

Has de chegar ao termo... é breve a estrada... avança...
 — E, embôra fôsse longa... e subisse entre os astros
 tinhas, velha galéra, o infinito... a esperança...

Na página anterior a revista incluiu uma caricatura, assinada por Machado (Fig. 1), do jovem poeta Ronald de Carvalho:



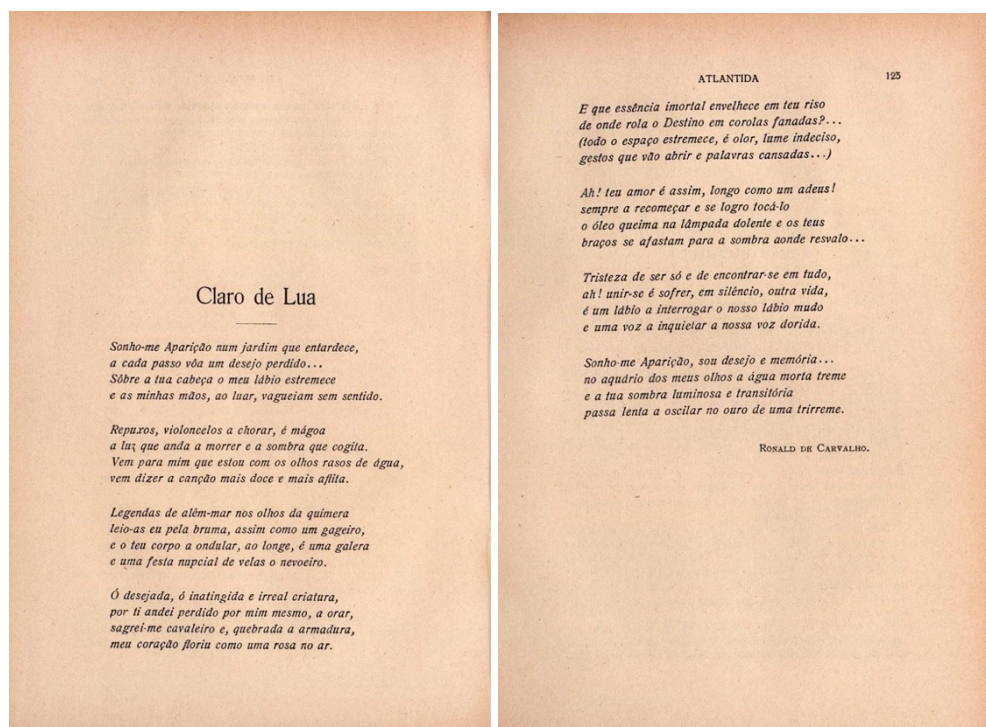
Fig. 1. Caricatura.
 (Alma Nova, n.º 4, p. 61)

Assim ficou apresentado e publicado, em março de 1916, o autor de *Luz Gloriosa*.

Alguns meses depois, em dezembro de 1916, foi a vez de Luís de Montalvor, que apresentou a arte de Ronald de Carvalho aos leitores da revista *Atlântida*, apresentação seguida da publicação do poema “Claro de Lua” (Figs. 2a e 2b). Para exprimir o efeito encantatório que a poesia de Ronald de Carvalho sobre ele exerce, Montalvor vê nas palavras de Mallarmé, “Le silence, seul luxe après les rimes”, aquelas que melhor descrevem ou sugerem “a sensibilidade scheherazasca dêsse poeta de essência superior que é Ronald de Carvalho” (*Atlântida*, ano II, vol. IV, n.º 14, 1916, p. 119; <https://purl.pt/22834>)⁵. Embora reconheça a impossibilidade de apreender por palavras a sensibilidade feminina, ilimitadamente imaginativa de Ronald de Carvalho, que só um silêncio místico permite aproximar, Montalvor

⁵ Veja-se a revista completa na página da Hemeroteca Digital (Lisboa): https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/atlantida/N14/N14_item1/P41.html

considera três aspetos essenciais na obra desse poeta: “E são exactamente o vago, o irreal, o artifício, os três elementos principais da sua obra” (p. 120).⁶ Cada um destes elementos exercendo uma função específica. O vago e o irreal seriam o fundo; enquanto o aspeto formal, ou estético, estaria reservado ao artifício: “a imagem perdendo a sua íntima presença, o poder das analogias contrastando” (p. 120). Isto porque para Ronald de Carvalho toda a obra de arte teria uma origem divina, uma espécie de fatalidade do subconsciente, cabendo ao poeta fazer a “transplantação do divino para o real” (p. 120), recorrendo à “evocação do mistério pelo símbolo”, e ao ritmo suscetível de comunicar uma sensação: “Que é o seu simbolismo senão a evocação do mistério pelo símbolo, a comunicação de uma sensação pelo ritmo?” (p. 120). Tão exuberante, esplendoroso e feérico seria o talento poético de Ronaldo de Carvalho, que Montalvor, associando o homem à obra (“a sua obra é ele com todos os seus sentimentos”), não hesita em ver nela a concretização de um génio, cujas faculdades tornam o seu autor a convergência de todas as gerações modernas: “O génio evocador, o poder artístico e espiritual que o tornam no Zodíaco de todas as gerações modernas em signo quimérico de um mistério alado...” (p. 120).



Figs. 2a e 2b. “Claro de Lua” (*Atlântida*, n.º 14, Dez. 1916, pp. 122-123)

⁶ Mais tarde, em artigo publicado no *Diário de Notícias* (22 de fevereiro de 1935) noticiando a morte de Ronald de Carvalho, Luís de Montalvor considera que os três elementos essenciais da poesia de Carvalho eram então o vago o irreal e o heroico.

Claro de Lua

Sonho-me Aparição num jardim que entardece,
a cada passo vòa um desejo perdido...
Sôbre a tua cabeça o meu lábio estremece
e as minhas mãos, ao luar, vagueiam sem sentido.

Repuxos, violoncelos a chorar, é mágoa
a luz que anda a morrer e a sombra que a cogita.
Vem por mim que estou com os olhos rasos de água,
vem dizer a canção mais doce e mais aflita.

Legendas de além-mar nos olhos da quimera
leio-as eu pela bruma, assim como um gageiro,
e o teu corpo a ondular, ao longe, é uma galera
e uma festa nupcial de velas e nevoeiro.

Ó desejada, ó inatingida e irreal criatura,
por ti andei perdido por mim mesmo, a orar,
sagrei-me cavaleiro e, quebrada a armadura,
meu coração floriu como uma rosa no ar.

E que essência imortal envelhece em teu riso
de onda rola o Destino em corolas fanadas?...
(todo o espaço estremece, é olor, lume indeciso,
gestos que vão abrir e palavras cansadas...)

Ah! teu amor é assim, longo como um adeus!
sempre a recomçar e se logro tocá-lo
o óleo queima na lâmpada dolente e os teus
braços se afastam para a sombra onde resvalo...

Tristeza de ser só e de encontrar-se em tudo,
ah! unir-se é sofrer, em silêncio, outra vida,
é um lábio a interrogar o nosso lábio mudo
e uma voz a inquietar a nossa vida dorida.

Sonho-me Aparição, sou desejo e memória...
no aquário dos meus olhos a água morta treme
e a tua sombra luminosa e transitória
passa lenta a oscilar no ouro de uma trirreme.

RONALD DE CARVALHO

Estas sucessivas demonstrações de entusiasmo parecerem, no entanto, não ter correspondência com a crítica que Fernando Pessoa faz num rascunho de carta para Ronald de Carvalho (cf. Fig. 15a a 15d; Anexo 1).

De facto, longe da vaga e admirativa adjetivação dos redatores de *A Águia* e de *Alma Nova* e da espiral metafórica simbolista de Luís de Montalvor, a opinião de Fernando Pessoa sobre a poesia de Ronald de Carvalho contrasta fortemente com a dos críticos citados. Para Pessoa, *Luz Gloriosa* é um livro em que se encontram “imperfeições e inacabamentos” (PESSOA, 1967: 135; cf. Anexo 1) nos versos, um livro de um poeta em construção: “Ha em si o com que os grandes poetas se fazem” (1967: 136). E mesmo se reconhece beleza ao livro, para Pessoa *Luz Gloriosa* é a obra de um poeta que ainda se não encontrou. Ciente do efeito que as palavras da sua carta poderiam ter, e como que justificando a sua opinião junto de quem o não conhecia pessoalmente, Pessoa descreve-se como “o mais severo dos criticos que te-em havido” (1967: 136), aconselhando Ronald de Carvalho a não ceder ao impulso da inspiração sem antes ter refletido sobre essa mesma inspiração: “Ha grande prazer esthetico ás vezes em deixar passar sem a exprimir uma emoção cuja passagem exige palavras” (1967: 136)⁷. Frase que Pessoa, logo a seguir completa, acrescentando que só aponta os erros a quem na verdade é poeta, pois considera inútil apontar os erros a quem somente sabe errar: “Para que notar os erros d’aquelles

⁷ O rascunho desta carta difere da versão enviada e publicada com o título “Carta inédita de Fernando Pessoa a Ronald de Carvalho” (*Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12-13 de fevereiro de 1955; transcrita por Arnaldo SARAIVA em *O modernismo brasileiro e o modernismo português* (1986: 28-31). Ver: Anexo 2.

que não teem em si senão o geito de errar?” (1967: 137). Para fundamentar as suas observações, Pessoa destaca em *Luz Gloriosa*, os poemas sobre o Cais e o Outono, e alguns versos, como “cahido dos deuses como o que é azul no ceu nos intervallos da tormenta” (1967: 136).⁸

Estas observações precedem um longo parágrafo em que, recordando a infância como um período de magia irremediavelmente perdido, de que resta apenas o exílio e a dor de ser, Pessoa diz rever-se na poesia de Ronald Carvalho e assim com ele partilhar num jardim imaginado uma fuga ao real: “Por certo que outrora nos encontrámos e entre sombras de alamedas dissemos um ao outro em segredo o nosso commum horror á Realidade” (PESSOA, 1967: 137). Um jardim imaginado que acabou por se sobrepor à razão, à crítica imparcial que Pessoa tencionava fazer. Veja-se a este respeito uma frase que se encontra na versão enviada e publicada na *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro (ver nota 7; cf. Anexo 2), mas não no rascunho publicado em 1967, em *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*: “Reparo de repente que a minha imaginação, à expensa da minha inteligência, fez uma crítica ao seu Livro” (PESSOA, 1986: 31).

Por conseguinte, é por um momento de prosa poética que Pessoa subtilmente critica o livro que Luís de Montalvor lhe fizera chegar às mãos (“Ha mezes já que o Luiz de Montalvôr me fez chegar aos olhos o seu Livro”) e que tardou em comentar por hesitar sobre o que poderia dizer: “tenho demorado o agradecimento para além dos limites que se usam [...]. Não sei que lhe diga do seu livro, que seja bem um ajuste entre a minha sensibilidade e a minha intelligencia” (PESSOA, 1967: 135). Um equilíbrio que leva Pessoa a expor o que sente através de uma crítica direta logo atenuada pelo poder evocativo da carta enviada, em que prevalece mais o poeta que o crítico. Afinal, tinham convivido num “jardim antiquissimo”, antes de que o Mundo criasse a necessidade de ser “creado por Deus” (PESSOA: 1986: 31; falta no livro de 1967, mas não no Anexo 1).

⁸ O primeiro poema que Pessoa refere é provavelmente “Agoa Marinha” que tem por início o verso: “... Foste... e fiquei, e o caes ficou tambem commigo”; o segundo é mais difícil de reconhecer, pois são vários os poemas sobre o outono no livro de Ronald de Carvalho. O exemplar de *Luz Gloriosa* que se encontra na biblioteca particular de Pessoa (<https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-93>) apresenta vários sublinhados de versos e de estrofes. É provável que alguns dos versos sublinhados, pelo seu efeito estético, rítmico e sonoro (nem sempre bem conseguido), possam ser aqueles que Pessoa considerava imperfeitos e inacabados. Entre eles poderíamos destacar, do poema “Rythmos rusticos”, os seguintes: “A aza dos moinhos garatuja no ar | linhas nervozas... cruces dolorosas...” (p. 43 [do pdf]); ou de “Versos sem rumo”, estes: “O espelho... a Vida... tudo é um reflexo no ar... a esmo...” (p. 103 [do pdf]); ou de “Sonata sem rythmo”, estes: “Chego á beira do cáes... o meu olhar resfrio” [...] “A Saudade do Sól fala na alma da tarde | naquelle ambiente rôxo-frio”. (Outros sublinhados, porém, evidenciam uma certa afinidade com temas recorrentes em Pessoa e heterónimos, como estes que extraímos do último poema de *Luz Gloriosa*: “Minha Vida interior corre longe da vida | Fi-la na extrema-uncção das magnolias ao Poente”; ou “e meu olhar é o meu maior e único amigo” (versos de “Legenda”; p. 137 [do pdf]).

Antes e depois desta longa carta, cujo rascunho não foi publicado na íntegra em 1967, e que precedeu de pouco tempo o lançamento de *Orpheu*, Pessoa refere ainda Ronald de Carvalho em duas cartas enviadas a Armando Côrtes-Rodrigues. Na primeira, datada de 19 de fevereiro de 1915 (seis dias antes da carta enviada ao poeta brasileiro), Carvalho é apresentado como um poeta “nosso” e interessante; na segunda, de 4 de março de 1915, Pessoa mostra-se confiante em que Carvalho poderá angariar assinantes para o *Orpheu* no Brasil: “Parece-me, isto sobretudo por causa da venda e das assinaturas no Brasil, que o Luís de Montalvor (diretor em Portugal), que esteve bastante tempo no Brasil, e o Ronald de Carvalho, diretor do Brasil, devem conseguir obter” (PESSOA, 1985: 57).

Nos anos seguintes e sem ter participado no segundo número de *Orpheu*, Ronald de Carvalho continuou a publicar e a ser referido ocasionalmente em Portugal. Em 1924, António Ferro (*Diário de Notícias* de 31 de maio, de 1924) escrevendo sobre a nova literatura brasileira, diz que Ronald de Carvalho ama o presente sem desdenhar o passado, e considera *Epigramas Irónicos e Sentimentais*, que Carvalho acabava de publicar, um livro admirável “onde o Brasil é desenhado a quatro traços à japonesa, à maneira de Fujita”. Dois anos depois, para José Osório de Oliveira, Carvalho é o menino bonito, “l’enfant gaté”, da celebridade (*Literatura Brasileira*, Lisboa, 1926; texto reproduzido por SARAIVA, em *O modernismo brasileiro e o modernismo português*, 1986: 107)

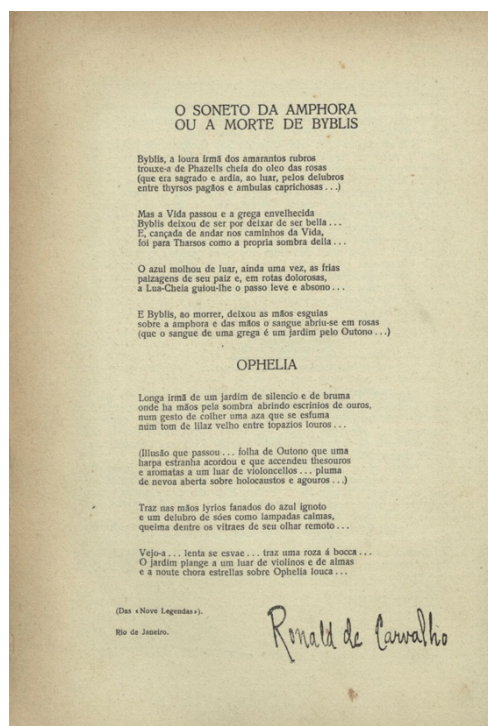


Fig. 3. “O soneto da amphora ou a morte de Byblis” e “Ophelia”
(*A Águia*, n.º 31, Jul. 1914, p. 16)

De Ronald de Carvalho, entre 1915 e 1921, encontram-se poemas e artigos na revista *A Águia*, onde, já antes de *Orpheu* tinha publicado dois sonetos (“O soneto da Amphora ou A Morte de Byblis” e “Ophelia”; de um anunciado conjunto intitulado *Nove Legendas* que, como *Do Amor*, não chegou a concretizar; *A Águia*, n.º 31, julho de 1914, p. 16; <https://purl.pt/12152>), e na revista *Atlântida* o poema “Claro de Lua”, já mencionado anteriormente.

Soneto da Amphora ou A Morte de Byblis

Byblis, a loura irmã dos amarantos rubros
trouxe-a de Phazelis cheia do óleo das rosas
(que era sagrado e ardia, ao luar, pelos delubros
entre thyrsos pagãos e ambulas caprichosas...)

Mas a Vida passou e a grega envelhecida
Byblis deixou de ser por deixar de ser bella...
E, cansada de andar nos caminhos da Vida,
foi para Tharsos como a propria sombra della...

O azul molhou de luar, ainda uma vez, as frias
paisagens do seu paiz e, em rotas dolorosas,
a Lua-Cheia guiou-lhe o passo leve e absono...

E Byblis, ao morrer, deixou as mãos esguias
sobre a amphora e das mãos o sangue abriu-se em rosas
(que o sangue de uma grega é um jardim pelo Outono...)

Ophelia

Longa irmã de um jardim de silencio e de bruma
onde ha mãos pela sombra abrindo espinhos de ouros,
num gesto de colher uma aza que se esfuma
num tom de lilaz velho entre topázios louros...

(Ilusão que passou... folha de Outono que uma
harpa estranha acordou e que accendeu thesouros
e aromatas a um luar de violoncellos... pluma
de nevoa aberta sobre holocaustos e agouros...)

Traz nas mãos lyrios fanados do azul ignoto
e um delubro de sóes como lampadas calmas,
queima entre os vitraes de seu olhar remoto...

Vejo-a... lenta se esvae... traz uma roza á bocca...
O jardim plange a um luar de violinos e de almas
e a noute chora estrellas sobre Ophelia louca...

Ao verificarmos a colaboração poética em revistas portuguesas, incluindo *Orpheu*, surpreende descobrir que apenas “Genese” (este com mais significativas alterações, lexicais e de pontuação) e “Balada” (com uma alteração entre a segunda e a terceira estrofe) foram depois incluídos no livro *Poemas e Sonetos* (Rio de Janeiro: Leite

Ribeiro & Maurillo, 1919; cf. <https://digital.bbm.usp.br/>). Reproduzimos em paralelo as duas versões dos respectivos poemas:

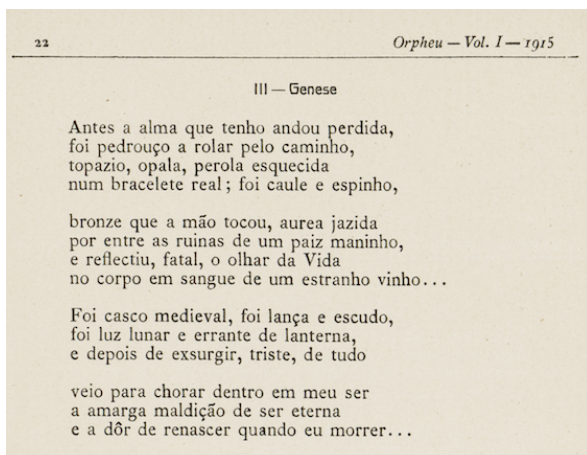


Fig. 4. *Orpheu*, n.º 1, 1915, p. 22.

Antes, a alma que tenho andou perdida.
Por que mundos rolou, que mão subtil
Poz tão nobre fulgor, e estranha vida,
Nesse bocado de ouro e barro vil?

De certo, arvore foi: verde jazida
De ninhos, sob o céu de espuma e anil.
E foi grito de horror, na ave ferida,
E, na canção de amor, sonho febril!

Foi desespero, sofrimento mudo,
Ódio, esperança que tortura e inferna;
E, depois de exsurgir, triste, de tudo,

Veio para chorar dentro em meu ser,
A amarga maldição de ser eterna,
E a dor de renascer, quando eu morrer!

Figs. 5a e 5b. *Poemas e Sonetos*, 1919, pp. 190-191.

A versão de *Orpheu* é a seguinte:

Genese

Antes a alma que tenho andou perdida,
foi pedrouço a rolar pelo caminho,
topazio, opala, perola esquecida
num bracelete real; foi caule espinho,

bronze que a mão tocou, aurea jazida
por entre as ruínas de um paiz maninho,
e reflectiu, fatal o olhar da Vida
no corpo em sangue de um estranho vinho...

Foi casco medieval, foi lança e escudo,
foi luz lunar e errante de lanterna,
e depois de exsurgir, triste, de tudo

veio para chorar dentro em meu ser
a amarga maldição de ser eterna
e a dôr de renascer quando eu morrer...

Em *Poemas e Sonetos* pode ler-se:

Avatar

Antes, a alma que tenho andou perdida
Por que mundos rolou, que mão subtil
Poz tão nobre fulgor, e estranha vida,
Nesse bocado de ouro e barro vil?

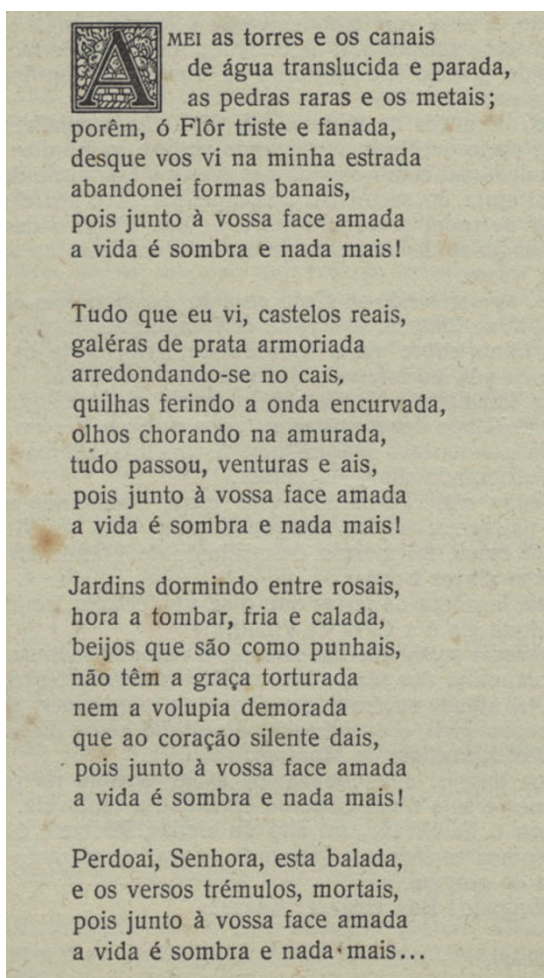
De certo, arvore foi: verde jazida
De ninhos, sob o céu de espuma e anil.
E foi grito de horror, na ave ferida,
E, na canção de amor, sonho febril!

Foi desespero, sofrimento mudo,
Ódio, esperança que tortura e inferna;
E, depois de exsurgir, triste, de tudo,

Veio para chorar dentro em meu ser,
A amarga maldição de ser eterna,
E, a dor de renascer, quando eu morrer!

Note-se que em “Genese”, a trajetória da alma parece focar-se em elementos concretos, como “topázio”, “bronze” e “bracelete real”, que evocam uma passagem pela matéria e pela realidade perdida. Já em “Avatar”, a visão é mais etérea e filosófica: a alma é “verde jazida de ninhos” e “grito de horror”. A dor existencial de renascer e a maldição da eternidade estão presentes em ambos, mas “Avatar” dá um toque mais introspectivo e espiritual, enquanto “Genese” se apoia no simbolismo de uma trajetória física e histórica.

Vejamos “Balada”:

Fig. 6. *A Águia*, n.º 51, mar. 1916, p. 86.

Balada

Amei as torres e os canais
de água translúcida e parada,
as pedras raras e os metais;
porém, ó Flôr triste e fanada,
desque vos vi na minha estrada
abandonei formas banais.
pois junto à vossa face amada
a vida é sombra e nada mais!

Tudo que eu vi, castelos reais,
galéras de prata armoriada
arredondando-se nos cais;
quilhas ferindo a onda encurvada,
olhos chorando na amurada,
tudo passou, venturas e ais,
pois junto à vossa face amada
a vida é sombra e nada mais!

Jardins dormindo entre rosais,
hora a tombar, fria e calada;

Amei as torres medievas,
De pedra escura e burilada,
Os plenilunios e os choupaes ;
Porém, ó Flor triste e fanada,
Desque surgiste em minha estrada,
Abandonei formas banaes.
Pois junto á vossa face amada,
A vida é sombra, e nada mais.

Jardins dormindo entre rosaes,
Hora a tombar, fria e calada ;
Beijos que são como punhaes,
Não têm a graça fina e alada,
Nem a volúpia demorada
Que ao coração silente daes ;
Pois junto á vossa face amada
A vida é sombra, e nada mais:

Tudo que eu vi : Castellos reaes,
Galeras de prata armoriada
Arredondando-se nos caes ;
Quilhas ferindo a onda encurvada,
Olhos chorando na amurada,
Tudo passou, venturas e ais,
Pois junto á vossa face amada
A vida é sombra, e nada mais.

Perdoai Senhora, esta ballada,
E os versos tremulos, mortaes ;
Pois junto á vossa face amada
A vida é sombra, e nada mais..

Figs. 7a e 7b. *Poemas e Sonetos*, 1919, pp. 45-46.

Ballada

Amei as torres medievas,
De pedra escura e burilada,
Os plenilunios e os choupaes;
Porém, ó Flor triste e fanada,
Desque surgiste em minha estrada,
Abandonei formas banaes.
Pois junto á vossa face amada,
A vida é sombra, e nada mais.

Jardins dormindo entre rosaes,
Hora a tombar, fria e calada;
Beijos que são como punhaes,
Não têm a graça fina e alada,
Nem a volúpia demorada
Que ao coração silente daes;
Pois junto á vossa face amada
A vida é sombra, e nada mais:

Tudo que eu vi: Castellos reaes,
Galeras de prata armoriada

beijos que são como punhais,
 não têm a graça torturada
 nem a volúpia demorada
 que ao coração silente dais;
 pois junto à vossa face amada
 a vida é sombra e nada mais!

Perdoai, Senhora, esta balada,
 e os versos trêmulos, mortais;
 pois junto à vossa face amada
 a vida é sombra e nada mais...

Arredondando-se nos caes;
 Quilhas ferindo a onda encurvada,
 Olhos chorando na amurada,
 Tudo passou, venturas e ais,
 Pois junto á vossa face amada
 A vida é sombra, e nada mais.

Perdoai Senhora, esta ballada,
 E os versos tremulos, mortaes;
 Pois junto á vossa face amada
 A vida é sombra, e nada mais...

As duas versões de “Balada” exploram o mesmo sentimento de desilusão com o mundo exterior diante do amor idealizado, mas apresentam variações que influenciam o tom e a atmosfera. Em “Balada” há uma apreciação das torres, canais e castelos reais, com descrições de pedras raras e metais, sugerindo um encanto pelas formas tangíveis da nobreza. Já em “Ballada”, a atmosfera é mais medieval e introspectiva, com imagens de “plenilunios” e “choupaes”, que trazem uma sensação de mistério e melancolia. Ambas concluem que a vida, ao lado do objeto de amor, é apenas “sombra e nada mais”, mas a versão em “Ballada” é mais sombria e reflexiva.

Dos restantes poemas publicados por Ronald de Carvalho – no seu itinerário português – podemos afirmar que se trata de esboços, ou primeiras versões: é o que acontece com os três sonetos (anunciados como integrando o poema “Sombras em Cinza e Ouro”) publicados em *A Águia* em junho de 1915. Destes, o primeiro e o terceiro, “Primeira Ebriez” e “Fumo”, serão depois, com variantes importantes, incluídos em *Poemas e Sonetos*; o segundo, “Spleen”, não foi reeditado. O soneto “Primeira Ebriez” surge na versão publicada no Rio de Janeiro com o título “Vinho Amargo” e “Fumo” sofre alterações significativas de conteúdo:

Primeira Ebriez

A corôa de rosas sobre a fronte,
 erguendo ás mãos a taça e a palma de ouro
 o poeta olha a paisagem, valle, monte,
 curvas de céu, pedras de ancoradouro...

Sua pupilla afaga as náus e a ponte
 que rasga as ondas como um brigue louro!
 e tudo boia em sól, aguas de fonte,
 tanques de prata ou leões de páteo mouro.
 [...]

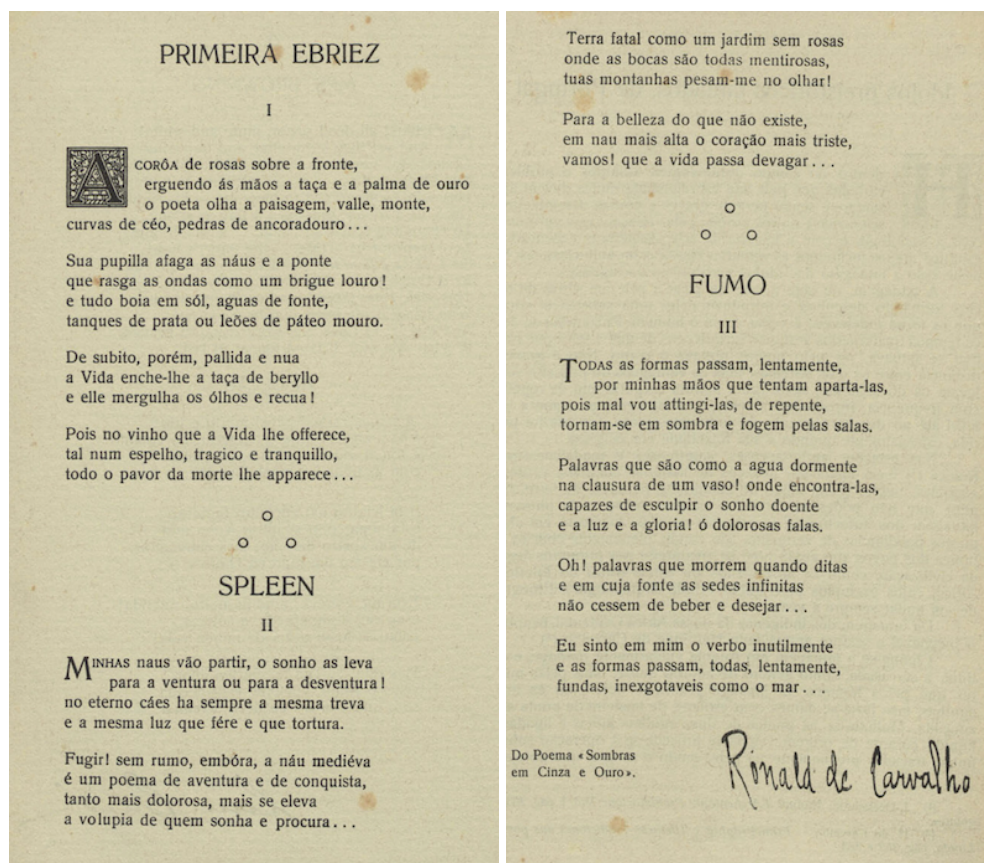
Pois no vinho que a Vida lhe offerece,
 tal num espelho, tragico e tranquillo,
 todo o pavor da morte lhe apparece...

Vinho Amargo

A côroa de louros sobre a fronte,
 Erguendo ás mãos a taça, e a palma de ouro,
 O poeta vê, na curva do horizonte,
 Franjas de céu, pedras de ancoradouro.

Brilham no mar sereno as naus, e a ponte
 Que rasga as ondas como um brigue louro.
 E tudo boia em sol, aguas de fonte,
 Tanques de prata, ou leões de pateo mouro.
 [...]

Pois no vinho que a vida lhe offerece,
 Como num fundo olhar, negro e tranquillo,
 Todo o pavor da morte lhe apparece!



Figs. 8a e 8b. Sonetos publicados em 1915, n.º 42, jun. 1915, pp. 242-243.

A versão d' *Águia* é a seguinte:

Fumo

Todas as formas passam, lentamente,
por minhas mãos que tentam aparta-las,
pois mal vou attingi-las, de repente,
tornam-se em sombra e fogem pelas salas.

Palavras que são como agua dormente
na clausura de um vaso! Onde encontra-las,
capazes de esculpir o sonho doente
e a luz e a gloria! ó dolorosas falas.

Oh! palavras que morrem quando ditas
e em cuja fonte as sedes infinitas
não cessem de beber e desejar...

Eu sinto em mim o verbo inutilmente
e as formas passam, todas, lentamente,
fundas, inextotáveis como o mar...

Em *Poemas e Sonetos* pode ler-se:

Fumo

Todas as fórmãs passam, lentamente,
Por meu desejo que anda a procural-as.
Mas, se tento attingil-as, de repente,
Mudam-se em fumo, em sombra, em névoas ralas.

Palavras que são como a agua dormente
Na clausura de um vaso! Onde encontral-as
Capazes de exprimir o sonho ardente
Que ha num repuxo, ou num collar de opalas?

Palavras que promettem maravilhas,
Como, á distancia, o mar, que se abre em ilhas,
Em pérolas, madréporas, coraes...

Mas, que um leve tocar das mãos ansiosas,
Quebram no azul as linhas caprichosas,
Como as ondas amargas contra o caes!

A côroa de louros sobre a fronte,
Erguendo ás mãos a taça, e a palma de ouro,
O poeta vê, na curva do horizonte,
Franjas de céu, pedras de ancoradouro.

Brilham no mar sereno as naus, e a ponte
Que rasga as ondas como um brigue louro.
E tudo boia em sol, águas de fonte,
Tanques de prata, ou leões de pateo mouro.

De subito, porém, pallida e nua,
A vida enche-lhe a taça de berylo,
E elle mergulha os labios, e recúa !

Pois no vinho que a vida lhe oferece,
Como num fundo olhar, negro e tranquillo,
Todo o pavor da morte lhe apparece !

Todas as fórmass passam, lentamente,
Por meu desejo, que anda a procural-as.
Mas, se tento attingil-as, de repente,
Mudam-se em fumo, em sombra, em névoas ralas.

Palavras que são como a agua dormente
Na clausura de um vaso ! Onde encontral-as,
Capazes de exprimir o sonho ardente
Que ha num repuxo, ou num collar de opalas ?

Palavras que promettem maravilhas,
Como, á distancia, o mar, que se abre em ilhas,
Em pérolas, madréporas, coraes . . .

Mas, que a um leve tocar das mãos ansiosas,
Quebram no azul as linhas caprichosas,
Como as ondas amargas contra o caes !

Figs. 9a e 9b. “Vinho Amargo”, pp. 162-163.

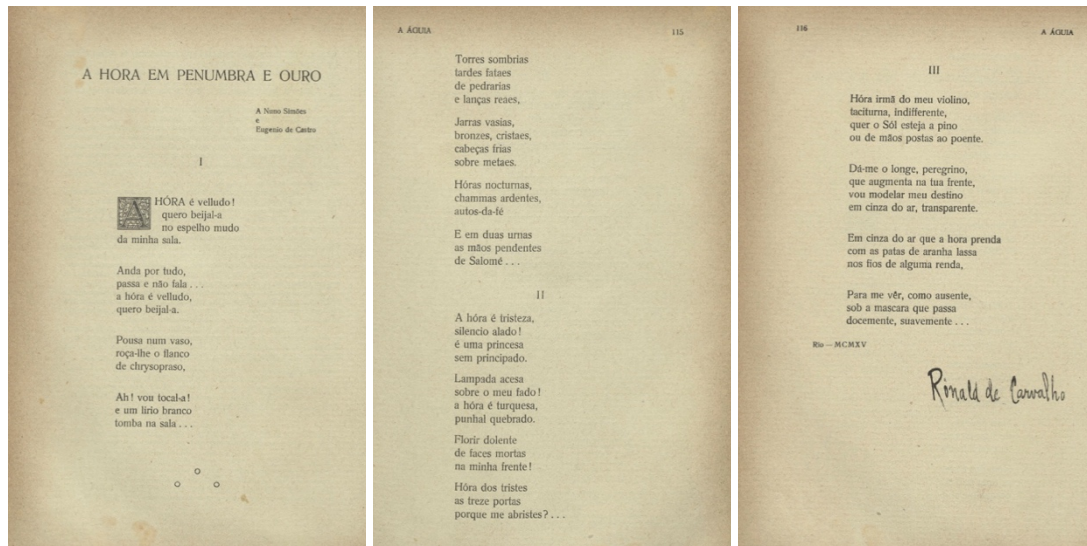
Figs. 10a e 10b. “Fumo”, pp. 200-201.

Por um lado, as duas versões, “Primeira Ebriez” e “Vinho Amargo”, exploram a visão do poeta sobre a vida e a morte, com nuances que criam atmosferas diferentes. Em “Primeira Ebriez”, o poeta é coroado de rosas e contempla a paisagem com uma visão quase onírica de vales e montes, numa atmosfera leve e luminosa. Já em “Vinho Amargo”, a coroa é de louros, e a paisagem é mais sombria, com “franjas de céu” em vez de “curvas”, conferindo um tom de melancolia e desilusão. Ambas as versões compartilham a reflexão sobre a morte, mas enquanto “Vinho Amargo” apresenta uma visão mais sombria e introspectiva, enquanto “Primeira Ebriez” é marcada por uma celebração ilusória.

Por outro lado, as duas versões de “Fumo” abordam a frustração com a efemeridade das formas e das palavras, mas com nuances distintas no tom. Na primeira versão, o eu lírico observa como as formas “fogem pelas salas” e descreve as palavras como “agua dormente”, numa atmosfera de desespero contido e impotência. Na segunda versão, a descrição é mais imagética e poética, com referências a “pérolas, madréporas, coraes” e um toque de grandiosidade e beleza distante, mas igualmente inatingível. Ambas lamentam a incapacidade de capturar o inefável, mas a primeira é mais introspectiva e pessoal, enquanto a segunda se aproxima de uma frustração quase épica, evocando o mar e a quebra das ondas.

A estes poemas, junta-se um conjunto de três, “A Hora em Penumbra e Ouro” (dedicado a Nuno Simões e Eugénio de Castro; *A Águia*, n.º 39, março de 1915, pp. 114-116) e de “Sob a Vinha Florida” (dois poemas; *A Águia*, n.º 112-114, abril-junho de 1921, pp. 122-123; cf. <https://pt.revistasdeideias.net/>)⁹, publicados, respetivamente, em 1915 e 1921, em *A Águia*, que não se encontram em nenhum dos livros que Ronald de Carvalho viria a publicar depois de *Luz Gloriosa*.

⁹ Cf. <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/serials-titles/item/6954-a-aguia>. A edição de *Epigrammas ironicos e sentimentaes* (Rio de Janeiro: Anuario do Brasil; Lisboa: Seara Nova; Porto: Renascença Portuguesa, 1922) anuncia que está no prelo “Sob a Vinha Florida”, no entanto, não consta que este projeto editorial tenha sido levado a cabo.



Figs. 11a, 11b e 11c. Poemas publicados em 1915, n.º 39, mar. 1915, pp. 114-116.

A Hora em Penumbra e Ouro

A Nuno Simões
e
Eugenio de Castro

A hórã é velludo!
quero beijal-a
no espelho mudo
da minha sala.

Anda por tudo,
passa e não fala...
a hórã é velludo,
quero beijal-a.

Pousa num vaso,
roça-lhe o flanco
de chrysoprasso,

Ah! vou tocal-a!
e um lirio branco
tomba na sala...

Torres sombrias
tardes fataes
de pedrarias
e lanças reas.

Jarras vasias,
bronzes, cristaes,
cabeças frias
sobre metaes.

Hóras nocturnas,
chammas ardentes,
autos-da-fé

E em duas urnas
as mãos pendentes
de Salomé...

II

A hórã é tristeza,
silencio alado!
é uma princesa
sem principado.

Lampada acesa
sobre o meu fado!
a hórã é turquesa,
punhal quebrado.

Florir dolente
de faces mortas
na minha frente!

Hórã dos tristes
as treze portas
porque me abristes?...

III

Hórã irmã do meu violino,
taciturna, indiferente,
quer o Sól esteja a pino
ou de mãos postas ao poente.

Dá-me o longe, peregrino,
que augmenta na tua frente,
vou modelar meu destino
em cinza do ar, transparente.

Em cinza do ar que a hora prenda
com as patas de aranha lassa
nos fios de alguma renda,

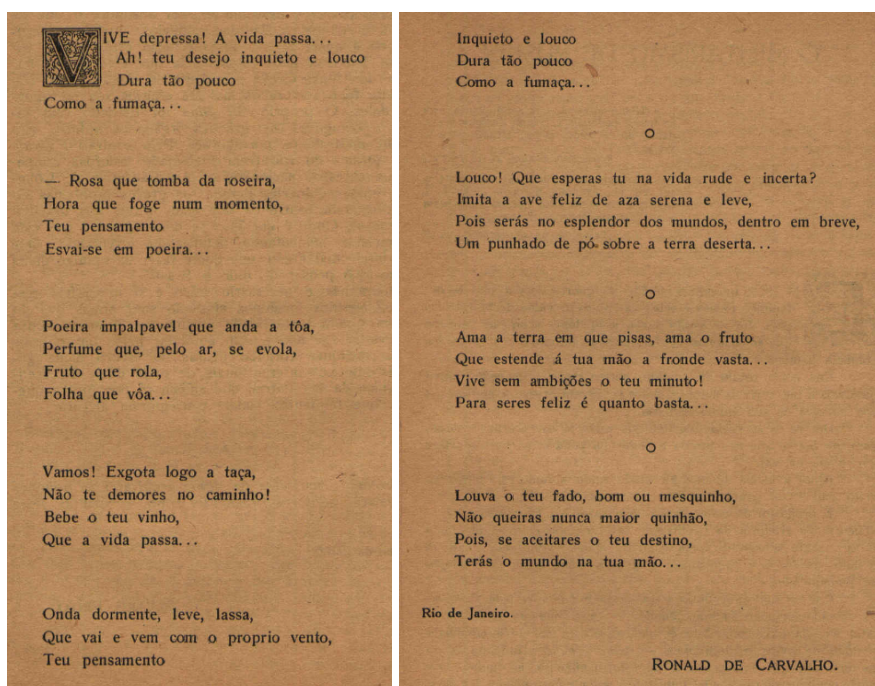
Para me vêr, como ausente,
sob a mascara que passa
docemente, suavemente...

Rio – MCMCV

[Ronald de Carvalho]

Este poema explora a passagem do tempo como uma entidade quase tangível, associada a elementos de opulência e decadência, como “jarras vazias”, “bronzes” e “chrysoprasso”. A “hora” manifesta-se em diferentes formas e metáforas – como veludo, tristeza, turquesa –, sugerindo um ambiente sombrio, melancólico e misterioso. A linguagem evoca riqueza e distanciamento ao mesmo tempo, como se o poeta contemplasse um passado ou uma realidade inatingível. O desejo de tocar ou beijar a “hora” indica uma busca por capturar o efêmero, enquanto a presença de símbolos religiosos e nobres, como “Salomé” e “lanças reas”, confere profundidade simbólica e histórica ao poema.

O mesmo se poderia dizer dos poemas de “Sob a Vinha Florida” em que se verifica uma reflexão sobre a fugacidade da vida e o desejo de se apreender o tempo que escapa. Porém, se em “A Hora em Penumbra e Ouro”, a “hora” é descrita como algo luxuoso e quase sagrado, com imagens de riqueza e solenidade, evocando uma busca pela captura do momento precioso, mas inatingível, neste conjunto, em “Sob a Vinha Florida”, a efemeridade é mais urgente e ligada ao viver intensamente. As metáforas de “fumaça” e “rosa que tomba” sugerem que a vida é breve e passageira. Os poemas incluídos incentivam a apreciação do presente. De versos mais contemplativos e nostálgicos passa-se a outros que em tom direto exortam o leitor a viver sem demora e sem ambições excessivas. O primeiro poema, “Vive depressa!”, já tinha sido publicado no Brasil em 1920, com data desse ano, e sabemos que recentemente, em 2019, fez parte de um leilão de manuscritos. Vejam-se as imagens seguintes:



Figs. 12a e 12b. Poemas publicados em 1921, n.º 112-114, ab.-jun. 1921, pp. 122-123.

De "Sob a Vinha Florida"

Vive depressa! A vida passa...
 Ah! teu desejo inquieto e louco
 Dura tão pouco
 Como a fumaça...

Inquieto e louco
 Dura tão pouco
 Como a fumaça...

○

— Rosa que tomba da roseira,
 Hora que foge num momento,
 Teu pensamento
 Esvai-se em poeira...

Louco! Que esperas tu na vida rude e incerta?
 Imita a ave feliz de aza serena e leve,
 Pois serás no esplendor dos mundos, dentro em breve,
 Um punhado de pó sobre a terra deserta....

○

Poeira impalpável que anda a tôa,
 Perfume que, pelo ar, se evola,
 Fruto que rola,
 Folha que vòa...

Ama a terra em que pisas, ama o fructo
 Que estende á tua mão a fronde vasta...
 Vive sem ambições o teu minuto!
 Para seres feliz é quanto basta...

○

Vamos! Exgota logo a taça,
 Não te demores no caminho!
 Bebe o teu vinho,
 Que a vida passa...

Onde dormente, leve, lassa,
 Que vai e vem com o proprio vento,
 Teu pensamento

Louva o teu fado, bom ou mesquinho,
 Não queiras nunca maior quinhão,
 Pois, se aceitares o teu destino,
 Terás o mundo na tua mão.

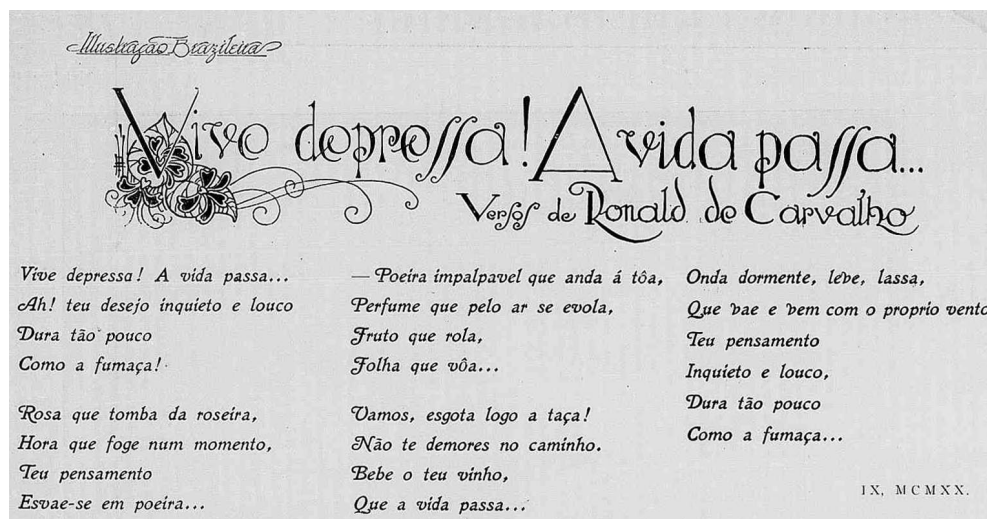


Fig. 13. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, Setembro de 1920, p. 31
https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/107468/per107468_1920_00001.pdf

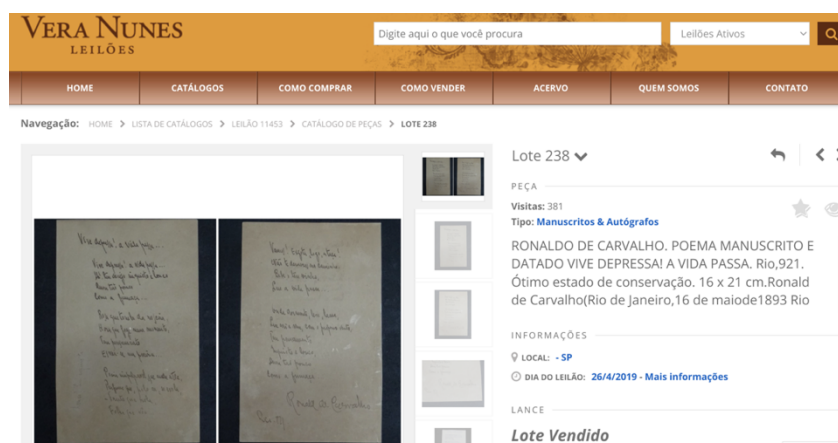


Fig. 14. “Vive depressa! a vida passa...”. Manuscritos leiloados em 2019.
<https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=5079666&ctd=238>

Estes poemas, não incluídos em livro, aproximam-se daqueles incluídos em *Poemas e Sonetos* e em *Epigrammas Ironicos e Sentimentaes*, terceiro livro de Carvalho, editado em 1922, numa coedição luso-brasileira.

A presença ocasional de Ronald de Carvalho em Portugal verifica-se também através de textos em prosa, publicados em *A Águia*, um pouco antes e depois do primeiro número de *Orpheu*. Na revista portuense, publicou dois artigos sobre arte pictórica e outro, seis anos depois, sobre a edição de livros no Brasil¹⁰. Os artigos sobre arte pictórica têm como denominador comum o pintor português António Carneiro. No primeiro, estabelecem-se sucessivas comparações com nomes reconhecidos da pintura e da escultura (David, Dulac, Gustave Doré, Rodin, Watteau, Lenôtre) e defende-se um conceito sobre arte: “A educação do artista não deve ser ‘principalmente visual’ como queriam os divinos Goncourt mas, sobretudo, de sonho, de ignoto, de artificial. A Beleza não se revela em paisagem de Vida, mas em paisagens de memória” (*A Águia*, n.º 37, janeiro de 1915: 31).

No mesmo ano de 1915, alguns meses após o lançamento do primeiro *Orpheu*, Ronald de Carvalho também publicou outro artigo dedicado a Carneiro (com a epígrafe “Só o que não existe me interessa”). Nele, seguindo uma tendência própria do simbolismo – em que o poeta, em geral, pretende ser decodificador de símbolos e sentidos, capaz de transmitir a essência da alma através do vago das imagens que utiliza –, o poeta e diplomata brasileiro resume o seu pensamento e o seu conceito de arte. Para Carvalho: “O sentido de uma paisagem é mais belo que a paisagem” e “O vago [...] deve ser o elemento essencial da contemplação”, visto que “O vago é a melhor escola da alma” (*A Águia*, n.º 43, julho de 1915: 22).

¹⁰ “O Irreal na Arte”, n.º 37 (1915); “Do Amôr, da Belleza e da Vida”, n.º 43 (1915); e “A Arte do Livro”, n.º 109-111 (1921). O primeiro, datado de 1914, mas publicado em janeiro de 1915, é um texto sobre as exposições no Rio de Janeiro dos artistas plásticos Fernando Correia Dias e António Carneiro. Correia Dias (1892-1935), artista luso-brasileiro, nascido em Lamego, instalou-se no Brasil em 1914, depois de ter terminado os seus estudos em Coimbra. Em 1922, casou com a poeta Cecília Meireles.

O itinerário português de Ronald de Carvalho na revista *A Águia* continua com a publicação de um artigo intitulado “A Arte do Livro”, uma crítica severa em que Carvalho, que acabara de ser premiado pela academia brasileira pela sua poesia e prosa, se insurge, sem rodeios, contra a qualidade estética da edição de livros no Brasil e, ao mesmo tempo, contra a condição de escritor nesse país. Logo de início, o autor de *Luz Gloriosa* escreve: “Nada há de mais desolador para os nossos foros de cultura que o aspeto material do livro no Brasil [...]. O livro é considerado, aqui, um género de comércio que se oferece ao consumidor como um caixote de batatas, uma pipa de aguardente ou um corte de fazenda” (*A Águia*, n.º 109-111, jan.-mar. 1921: 86). Após este artigo, o crítico publicará ainda, no número seguinte da mesma revista, os dois poemas não datados de “Sob a Vinha Florida”, já reproduzidos.

Falecido em janeiro de 1935, Ronald de Carvalho será evocado na primeira página do *Diário de Lisboa*, num comovido artigo intitulado “Quando quisermos dos dois lados... Ronald de Carvalho”, escrito em sua memória pelo poeta e escritor Vitorino Nemésio (cf. Anexo 3), no qual defende que Portugal e o Brasil se devem unir na defesa e afirmação da sua língua comum, sem prejuízo das diferenças entre os seus falantes.

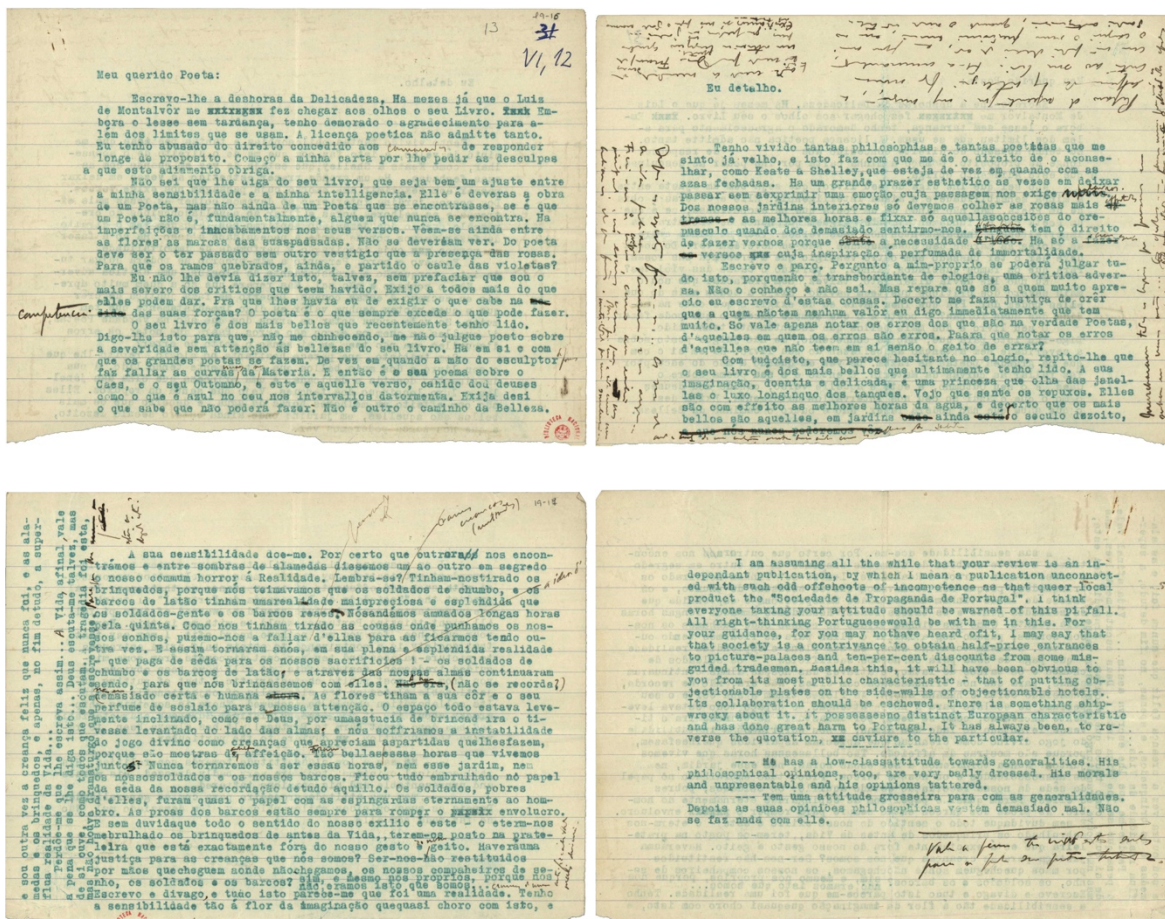
Depois do que aqui foi apresentado sobre o itinerário português de Ronald de Carvalho, talvez se possa afirmar, sem exagero, que as palavras de Fernando Pessoa sobre a poesia de Ronald de Carvalho resumem de forma pertinente a fase criativa que corresponde aos anos de 1914-1921 do seu percurso poético: “Ele é de veras a obra de um Poeta, mas não ainda de um Poeta que se encontrasse” (PESSOA, 1967: 135; cf. Anexo 1). Palavras que levam o poeta português a preocupar-se com o efeito que elas terão: “Escrevo e paro. Pergunto a mim próprio se poderá julgar tudo isto, porque não é transbordante de elogios, uma crítica adversa” (1967: 136).

Outro aspeto que julgamos importante salientar da leitura da poesia de Ronald de Carvalho posterior ao *Orpheu* é que nela não se vislumbram possíveis influências de Pessoa ou de Mário de Sá-Carneiro. Tanto *Poemas e Sonetos* como *Epigrammas Ironicos e Sentimentaes* remetem-nos, de forma muito mais evidente, para outras possíveis influências, nomeadamente, no primeiro desses livros, Camões e Dante, onde se encontram vários poemas direta e reconhecidamente inspirados por estes dois autores. Se houve alguma influência de um dos três principais nomes de *Orpheu*, esta só se viria a revelar mais tarde com a publicação de *Toda a America* (1926) (cf. <https://digital.bbm.usp.br/>), livro que a crítica brasileira apresenta como inspirado por Walt Whitman. Contudo, pela sua formação, vivência intelectual, cultural e poética, Carvalho não precisava de passar pelos autores portugueses.

O itinerário português de Ronald de Carvalho permite ainda constatar que uma edição completa e rigorosa da sua obra está ainda por publicar, sendo que a sua obra permanece dispersa por revistas e jornais de Portugal e do Brasil.

Anexo 1

Carta a Ronald de Carvalho [Espólio F. Pessoa]



Figs. 15a, 15b, 15c e 11d. Testemunho datilografado, com intervenções manuscritas.

[BNP/E3, 19-16^{rv} e 17^r]

Meu querido Poeta:

Escrevo-lhe a deshoras da Delicadeza. Ha mezes já que o Luiz de Montalvôr me <entregou> fez chegar aos olhos o seu Livro. <Tenh> Embora o lesse sem tar-dança, tenho demorado o agradecimento para além dos limites que se usam. A li-cença poetica não admite tanto. Eu tenho abusado do direito concedido aos <□> /camaradas \ de responder longe de proposito. Começo a minha carta por lhe pedir as desculpas [← a] que este adiamento obriga.

Não sei que lhe diga do seu livro, que seja bem um ajuste entre a minha sen-sibilidade e a minha intelligencia. Elle é deveras a obra de um Poeta, mas não ain-da de um Poeta que se encontrasse, se é que um Poeta não é, fundamentalmente, alguem que nunca se encontra. Ha imperfeições e inacabamentos nos seus versos. Vêem-se ainda entre as flores as marcas das suas passadas. Não se deveriam ver.

Do poeta deve ser o ter passado sem outro vestígio que a presença das rosas. Para quê os ramos quebrados, ainda, e partido o caule das violetas?

Eu não lhe devia dizer isto, talvez, sem prefaciá-lo que sou o mais severo dos críticos que teem havido. Exijo a todos mais do que elles podem dar. Pra que lhes havia eu de exigir o que cabe na <medida> competência das suas forças? O poeta é o que sempre excede o que pode fazer.

O seu livro é dos mais bellos que recentemente tenho lido. Digo-lhe isto para que, não me conhecendo, me não julgue posto sobre a severidade sem atenção ás bellezas do seu livro. Ha em si o com que os grandes poetas se fazem. De vez em quando a mão do esculptor [→ de formas] faz fallar as curvas [↑ irreaes] da [↑ sua] Materia. E então é o seu poema sobre o Caes, e o seu Outomno, e este e aquelle verso, cahido dos deuses como o que é azul no ceu nos intervallos da tormenta. Exija de si o que sabe que não poderá fazer. Não é outro o caminho da Belleza.

Eu detalho.

Tenho vivido tantas philosophias e tantas poeticas que me sinto já velho, e isto faz com que me dê o direito de o aconselhar, como Keats a Shelley, que esteja de vez em quando com as azas fechadas. Ha um grande prazer esthetico ás vezes em deixar passar sem a exprimir uma emoção cuja passagem exige <versos.> [↑ palavras.] Dos nossos jardins interiores só devemos colher as rosas mais <extremas> [↑ afastadas] e as melhores horas e fixar só aquellas occasiões de crepusculo quando doe demasiado sentirmo-nos. <Ninguem> [↑ Nenhum] poeta tem o direito de fazer versos porque <sente> [↑ sinto] a necessidade <d'isso> [↑ de o fazer]. Ha só a <fazer os> [↑ de crear aquelles versos] <que> cuja inspiração é perfumada de immortalidade.

Escrevo e paro. Pergunto a mim-proprio se poderá julgar tudo isto, porque não é transbordante de elogios, uma critica adversa. Não o conheço e não sei. Mas repare que só a quem muito aprecio eu escrevo d'estas cousas. Decerto me faz a justiça de crêr que a quem não tem nenhum valôr eu digo immediatamente que tem muito. Só vale a pena notar os erros dos que são na verdade Poetas, d'aquelles em quem os erros são erros. Para que notar os erros d'aquelles que não teem em si senão o geito de errar?

Com tudo isto, que parece hesitante no elogio, repito-lhe que o seu livro é dos mais bellos que ultimamente tenho lido. A sua imaginação, doentia e delicada, é uma princeza que olha das janellas o luxo longinquo dos tanques. Vejo que sente os repuxos. Elles são com effeito as melhores horas da agua, e decerto que os mais bellos são aquelles, em jardins <onde> ainda <está> [↑d]o seculo dezoito, <e que nós nunca poderemos vêr.> [↓ onde a tristeza de uma civilização morta brinca ainda com os reflexos da *solidão]

A sua sensibilidade doe-me. Por certo que outrora <os> nos encontrámos e entre sombras de alamedas dissemos um ao outro em segredo o nosso commum

horror á Realidade. Lembra-se? [↑ Eramos creanças (semelhantes)]. Tinham-nos tirado os brinquedos, porque nós teimávamos que os soldados de chumbo, e os barcos de latão tinham uma realidade mais preciosa e esplendida que os soldados-gente e os barcos reais. Nós andámos amuados longas horas pela quinta. Como nos tinham tirado as cousas onde punhamos os nossos sonhos, puzemo-nos a fallar [↑ pensando †] d'ellas para as ficarmos tendo outra vez. E assim tornaram a nós, em sua plena e esplendida realidade – que paga a sêda para os nossos sacrificios! – os soldados de chumbo e os barcos de latão; e atravez das nossas almas continuaram sendo, para que nós brincássemos com [→ a idea d'elles. <Não era,> [↑ A hora] (não se recorda?) [↑ não era] demasiado certa e humana <a hora>. As flores tinham a sua côr e o seu perfume de soslaio para a nossa atenção. O espaço todo estava levemente inclinado, como se Deus, por uma astucia de brincadeira o tivesse levantado do lado das almas; e nós soffríamos a instabilidade do jogo divino como creanças que apreciam as partidas que lhes fazem, porque são mostras de [↑ adulta] affeição. Tão [↑ Foram] bellas essas horas que vivemos junto<n!>/s\ . Nunca tornaremos a ser essas horas, nem esse jardim, nem os nossos soldados e os nossos barcos. Ficou tudo embrulhado no papel de sêda da nossa recordação de tudo aquillo. Os soldados, pobres d'elles, furam quasi o papel com as espingardas eternamente ao hombro. As proas dos barcos estão sempre para romper o <papel> envolvero. E sem duvida que todo o sentido do nosso exilio é este – o terem-nos embrulhado¹¹ os brinquedos de antes da vida, terem-os posto na prateleira que está exactamente fóra do nosso gesto e [↑ do nosso] geito. Haverá uma justiça para as creanças que nós somos? Ser-nos-hão restituídos por mãos que cheguem aonde não chegamos, os nossos companheiros de sonho, os soldados e os barcos? sim, e mesmo nós proprios, porque nós não eramos isto que somos... [→ Eramos de uma artificialidade mais divina...]

Escrevo e divago, e tudo isto parece-me que foi uma realidade. Tenho a sensibilidade tão á flor da imaginação que quasi choro com isto, e [← e sou outra vez a creança feliz que nunca fui, e as alamedas e os brinquedos, e apenas, no fim de tudo, a superflua realidade da Vida...]

Perdoê-me que lhe escreva assim... <A>/A\ Vida_[,] afinal_[,] vale a pena que se lhe diga isto... Deus escuta-me talvez, mas de si ouve, como todos que escutam. A tragedia foi esta, mas não houve dramaturgo que a escrevesse. Para que lhe <escrevo eu isto? > estou eu dizendo isto?¹²

Reparo de repente que a m[inha] imaginação, a expensa da m[inha] intelligencia fez uma critica ao seu livro. Fel-a amoravelmente, como não podia deixar de

¹¹ etern-nos embrulhado] no original.

¹² Segue-se um segmento manuscrito de difícil leitura, antes de outros mais legíveis a partir da carta enviada. Pessoa não reteve este trecho, que começa: [→ Murcharam todos os lyrios que pensamos em sonhos em nossas mãos...].

ser, e porque assim o exigia o nosso preciosíssimo convívio, esse no jardim antiquíssimo, quando o mundo não tinha ainda creado a necessidade de ser [↑ ter sido] creado por Deus. Foram [↑ deveras] de um atheísmo lyrico [↑ espiritual] aquellas horas que perdemos em [↑ nos] jardins. Existíamos só nós porque o jardim eramos nós também...

Depois os sequitos fôram-se... Os sons de sua ida prolixa demoraram-se na aragem... Ficou-me a vida [↑ o corpo], como um exílio inevitável, e nós escrevemos versos para nos lembrarmos de que fômos. Passa por nós a vida como uma inutilidade por uma somnolência...

Vale a pena ter vivido estes sonhos para se poder ser poeta tristemente.

[BNP/E3, 19-17^v] ¹³

I am assuming all the while that your review is an independant publication, by which I mean a publication unconnected with such odd offshoots of incompetence as that queer local product the “Sociedade de Propaganda de Portugal”. I think everyone taking your attitude should be warned of this pitfall. All right-thinking Portuguese would be with me in this. For your guidance, for you may not have heard of it, I may say that that society is a contrivance to obtain half-price entrances to picture-palaces and ten-per-cent discounts from some misguided tradesmen. Besides this, it will have been obvious to you from its most public characteristics – that of putting objectionable plates on the side-walls of objectionable hotels. Its collaboration should be eschewed. There is something shipwreck about it. It possesses no distinct European characteristic and has done great harm to Portugal. It has always been, to reverse que quotation, <vc> *caviare* to the particular.

--- He has a low-class attitude towards generalities. His philosophical opinions, too, are very badly dressed. His morals [are]¹⁴ unpresentable and his opinions tattered.

--- Tem uma attitude grosseira para com as generalidades. Depois as suas opiniões philosophicas vestem demasiado mal. Não se faz nada com elle.

¹³ Esta crítica à Sociedade de Propaganda de Portugal pode considerar-se um texto independente do anterior. O Grémio da Cultura Portuguesa, ideado por Pessoa, foi em parte concebido como uma alternativa a esta Sociedade, que ele desprezava. No entanto, Pessoa imaginou que o GCP poderia tentar absorver tal Sociedade ou conquistar-lhe os membros. Veja-se um dos cadernos em linha, BNP/E3, 144G-15^v; <https://purl.pt/1000/1/cadernos/index.html>).

¹⁴ and] *no original*.

PEREGRINO JÚNIOR (Especial para TRIBUNA DAS LETRAS)

Ronald era um dos espetáculos mais belos, mais claros e mais civilizados da inteligência brasileira. Possuindo "o distico borso da vulgaridade, ao lugar-comum e a declamação", era dono de um espírito elíptico, harmônico, e sua andança e sua enunciação eram sempre de uma beleza e de uma clareza que não se repetiam. Seu tempo simples e suave, discreto e fascinador, no comércio social. E tudo nela era medida e harmonia, discrição e clareza. Nisto residia o segredo de sua irresistível sedução pessoal.

Quando o Iovyr, o poeta, dá mesmo de sua morte, o leitor não tem a menor oportunidade de evocar a modesta mas anávida da poesia. A importância para a missão da poesia é uma vida, uma doação. Era lá, no Iovyr, o poeta e os quadros do poeta — os seus reunidos os adolescentes, os inquietos da primeira Cruz, Orestes de Pelegrino, o Presidente de Fátima, Afonso Aires de Melo Franco, Henrique de Melo Franco, o advogado Cris, Toms Murai, o filho de Almeida, o filho de Almeida, os quadros habituais daquela reunião, onde Ronald

[illegible]

reconhecer a influência considerável que dois dos seus livros mais significativos — os “Epagramas” e “Tôda a América” — tiveram na renovação do pensamento lírico do Brasil. O exílio diplomático — prejuízo: não sem dúvida o prestígio — aguçou-lhe o nome, porque as novas gerações brasileiras, não chegando a conhecê-lo, não tiveram por ele a geração que ele era. E se não o admiraram e não o admiraram, foi evidentemente porque não o conheceram. Ronald era um homem de poucas ambições, e a cujo convívio amável ninguém saberia resistir. Embora, ao voltar de Paris, tenha publicado alguns livros secundários, que nada tinham de constantes (o “Tinerio”), Ronald foi um dos espíritos mais altos e mais claros de

[illegible]

... e proador, crítico, ensaísta, jornalista, este doce e amável Ariel trilhou sempre um caminho sem desvios e sem aspas, traçando, quando se dá a uma figura central da sua geração e do seu tempo. Em 1922, em companhia de Graça Aranha, foi a parte mais nova de Arte Moderna, e aliou-se ao grupo modernista de S. Paulo, rompendo resolutamente seus compromissos acadêmicos. Foi daí que se

Cerreião

para discutir li- e nico fissava da madrugada, as horas corriam.

Brasil de todos os tempos, e sua contribuição para a renovação da nossa poesia e a formação da nossa cultura foi das mais importantes e duráveis.

[illegible]

De Ronald poderíamos dizer e que ele disse de Graça Aranha: era, em si mesmo, na larga expressão do seu ritmo criador, e mais belo espetáculo da inteligência brasileira contemporânea. Seu espírito possuía a frescura das águas cristalinas e eternas, mas das águas correntes, sem tumultos e ondas, que sendo livres e eternas, eram ao mesmo tempo, límpidas, mansas e profundas. A disciplina da cultura deu-lhe a inteligência o sortilégio do equilíbrio e da harmonia, que, mesmo nas situações mais críticas, não se desequilibrava, nunca, nem se desorientava.

Abraça-o

FERNANDO PESSOA

preza de um
"Luz Gloriosa"
dole simbólico

que a crítica genciada. Sobretudo é preciso turbou.

(Especial para "TRIBUNA L")

Nasci junto ao mar, Estrangeiro!
entre palmeiras e montanhas,
debaixo de um céu claro, puro, lum

— Naquela época, a minha irreverência era extrema. Funha os meus adversários no dilema — se não

lados de chumbo e os barcos
latão, e através das nossas
mas continuaram sendo, para
nos, o mundo. E a vida, a
a dia deles. A hora (não se
reda?) não era demasiado cer-
e humanas. As flores tinham
se, os perfumes do corpo
do lado para a nossa atenção,
mas tudo estava levemente

entendem, é que não têm capacidade para perceber poesia. A poesia não precisa explicar, é a racla pura de um estado contemplativo. Só os eleitos a percebem. Os meus colegas de Faculdade, os que se in-

[illegible][illegible][illegible][illegible]

"Luz Gloriosa" teve uma repercussão enorme entre o público de poesia da época. Com o tempo, os poemas se tornaram logo dos clássicos da poesia brasileira e também das antologias acadêmicas dos vestibulares. Ao mesmo tempo, começou a circular uma versão mais ou menos fiel da relação do prosador nã e a relação emocional. Na realidade não houve nenhuma briga entre os dois, pois, ao contrário, eles se reuniram, como "ônica, as qualidades excepcionais de densidade, clareza e beleza".

"Luz Gloriosa" teve uma repercussão enorme entre o público de poesia da época. Com o tempo, os poemas se tornaram logo dos clássicos da poesia brasileira e também das antologias acadêmicas dos vestibulares. Ao mesmo tempo, começou a circular uma versão mais ou menos fiel da relação do prosador nã e a relação emocional. Na realidade não houve nenhuma briga entre os dois, pois, ao contrário, eles se reuniram, como "ônica, as qualidades excepcionais de densidade, clareza e beleza".

[illegible]

Esse período da vida de Ronald de Carvalho foi dos mais típicos. Como disse anteriormente, foi a época em que afetou, pelas ideias da cultura, a realidade e criou o seu mundo. Essa contradição entre o que ele queria e o que ele tinha, o que ele queria e o que ele não era, não foi nunca resolvida. Ronald de Carvalho não se incorporou ao espetáculo, foi empurrado e acabou virando, permanentemente. Sem qualquer preocupação de ser lido ou de ser aquilo, depois de preconceitos e evitando os compromissos, a inteligência de Ronald se desdobrava dentro da sua própria experiência. Apreensão, medo sangrando, amargor muita dor, seguita o traseiro da vida.

Fig. 16. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12-13 de fevereiro de 1955, p. 4.

https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pagfis=19993

Anexo 2

Carta a Ronald de Carvalho [*Tribuna da Imprensa*]

[As duas versões da carta apresentam uma série de diferenças tanto estilísticas quanto em detalhes específicos. Esta segunda versão mostra um uso mais claro e ordenado da pontuação, e tem um estilo ligeiramente mais formal. Porventura, algumas imagens poéticas são ajustadas para tender para uma maior concisão e simplicidade poética. Alguns trechos da carta poderiam ter sido trechos da primeira fase do *Livro do Desassossego*, obra iniciada em 1913. O original da carta nunca apareceu. Arnaldo Saraiva, disse-nos, procurou-o, sem sorte, numa “arca de manuscritos e documentos que um filho de Ronald guardava (no Rio de Janeiro)” e na “biblioteca do Ronald guardada no Itamarati (em Brasília)”.]

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1915

Meu querido Poeta

Escrevo-lhe a desoras da delicadeza. Há meses já que o Luís de Montalvão [*sic*] me fez chegar aos olhos o seu Livro. Embora o lesse sem tardança, tenho demorado o agradecimento para além dos limites do próprio abuso. A licença poética, mesmo, não admite tanto. Eu tenho excedido o direito concedido aos camaradas de responderem longe de propósito. Começo a minha carta por lhe pedir as desculpas a que este adiamento obriga.

Não sei que lhe diga de seu livro, que seja bem um ajuste entre a minha sensibilidade e a minha inteligência. Ele é deveras a obra de um Poeta, mas não ainda de um poeta que se encontrasse, se é que um poeta não é, fundamentalmente, alguém que nunca se encontra. Há imperfeições e inacabamentos em seus versos. Vêm-se ainda entre as flores as marcas das suas passadas. Não se deveriam ver. Do Poeta deve ser o ter passado sem outro vestígio que permanecerem as rosas. Para que os ramos quebrava, ainda, e partida¹⁵ a hasta das violetas?

Eu não lhe devia dizer isto, talvez, sem prefaciá-lo que sou o mais severo dos críticos que tem havido. Exijo a todos mais que eles podem dar. Para que lhes havia eu de exigir o que cabe na competência das suas forças? O Poeta é o que sempre excede aquilo que pode fazer.

O seu Livro é dos mais belos que recentemente tenho lido. Digo-lhe isto, para que, pois que me não conhece, me não julgue posto a severidade sem atenção às

¹⁵ Arnaldo SARAIVA (1986: II, 28-31) ao transcrever a carta publicada na *Tribuna da Imprensa*, assinala que no texto do jornal vem “partida” e não “partia”, e que “o facto de não se saber onde pára o original da carta impede a correção de outras gralhas menos evidentes”. Mas depois SARAIVA (2015: 535) indica que no texto vem “quebrava”, palavra que emenda para “quebrados”, mantendo “partida”. Também refere e critica, no fim, o trabalho de Richard Zenith e Manuela Parreira da Silva.

belezas do seu Livro. Há em si o com que os grandes poetas se fazem. De vez em quando a mão do escultor dos poemas faz falhar as curvas irreais de sua Matéria. E então é o seu poema sobre o Cais, a sua impressão de Outono, e este e aquele verso, tal poema ou tal outro, caído dos Deuses como o que é azul do céu nos intervalos da tormenta... Exija de si o que sabe que não poderia fazer. Não é outro o caminho da Beleza.

Tenho vivido tantas filosofias e tantas poéticas que me sinto já velho, e isto faz com que me dê o direito de o aconselhar, como Keats a Shelley, que esteja de vez em quando com as asas fechadas. Há um prazer estético, às vezes, em deixar passar sem a exprimir uma emoção cuja passagem nos exige palavras. Dos nossos jardins interiores só devemos colher as rosas mais inevitáveis e as mais verdes horas, e fixar só aquelas ocasiões do crepúsculo quando dói demasiado sentirmo-nos. O resto é só a brisa que passa e não tem outro aroma senão o momento que rouba a imortalidade dos jardins.

Escrevo e paro... Pergunto a mim próprio se poderá julgar tudo isto, porque não é transbordante de elogios, uma crítica adversa. Não o conheço e não sei. Mas repare que só a quem muito aprecio eu escrevo destas coisas. De certo me faz a justiça de adivinhar que a quem não tem valor nenhum eu não ousou senão dizer que tem muito. Só vale a pena notar os erros daqueles que são na verdade Poetas, daqueles em quem os erros são erros. Para quê notar os erros daqueles que não têm em si senão o jeito de errar?

Com tudo isto, que parece hesitante no elogio, repito-lhe que o seu livro é dos mais belos que tenho lido ultimamente. A sua imaginação, doentia e delicada, é uma princesa que olha das janelas o luxo longínquo dos tanques. Vejo que sente os reflexos. Eles são, com efeito, as melhores horas da água; e de certo que as mais belas são aquelas – em jardins ainda do século dezoito – onde a tristeza de uma civilização bruxuleia ainda, como um gesto na sombra, na sombra rápida de água que se dissipa.

Ah, mas tudo isto é impessoal... Tenho outras e mais próximas coisas a dizer-lhe se reparo que sou eu que leio os seus Versos, que a Nau perdida das suas emoções passou, um momento de velas, no horizonte das minhas costas.

A má sensibilidade dói-me. Por certo que outrora nos encontrámos e entre sombras de alamedas dissemos um ao outro o nosso comum horror à Realidade. Lembra-se? Nós erámos crianças.

Tinham-nos tirado os brinquedos, porque nos teimávamos que os soldados de chumbo e os barcos de latão tinham uma realidade mais precisa e esplêndida que os soldados-gente e os pobres barcos que são úteis no mundo. Nós andámos animados longas horas pela quinta. Como nos tinham tirado as coisas as coisas onde púnhamos os nossos sonhos, pusemo-nos a falar delas para as ficarmos tendo outra vez. E assim tornaram a nós, em sua plena e esplêndida realidade – que paga de sede para os nossos sacrifícios! – os soldados de chumbo e os barcos de latão, e

através das nossas almas continuaram sendo, para que nos brincássemos com a ideia deles. A hora (não se recorda?) não era demasiado certa e humana. As flores tinham a sua [cor]¹⁶ e o seu perfume de soslaio para a nossa atenção. O espaço todo estava levemente inclinado, como se Deus, por astúcia de brincadeira, o tivesse levantado do lado das almas: e nós sofríamos a instabilidade do jogo divino como crianças que riem das partidas que lhes fazem, porque sejam mostras de adulta afeição.

Foram belas essas horas tristes que vivemos juntos. Nunca tornaremos a ver essas horas, nem esse jardim, nem os nossos soldados e os nossos barcos. Ficou tudo embrulhado no papel de seda na nossa recordação de tudo aquilo. Os soldados – os pobres deles – furam quase o papel com espingardas eternamente ao ombro. As proas das barcas estão sempre para romper o invólucro. E sem dúvida que todo o sentido do nosso Exílio é este – o terem-nos embrulhado os brinquedos de antes da vida, terem-nos posto na prateleira que está exatamente fora do nosso gesto e do nosso jeito. Haverá uma justiça para as crianças que nós somos? Ser-nos-ão restituídos, por mais que cheguem aonde não chegamos, os nossos companheiros de sonho, os soldados e os barcos?... sim, e mesmo porque nos não éramos isto que somos!... Éramos de uma artificialidade mais divina... Parecíamos estar destinados a coisas menos tristes do que a alma.

Escrevo e divago, e tudo isto parece-me que foi uma realidade. Tenho a sensibilidade tão à flor da imaginação que quase chiro [sic]¹⁷ com isto, e sou outra vez a criança feliz que nunca fui, e as alamedas e os brinquedos... e apenas, no fim de tudo, a supérflua realidade da vida.

Perdoe-me que lhe escreva assim... A vida, afinal, vale a pena que se lhe digas isto... Deus escuta-me talvez, mas “de si ouve” como se diz daqueles que escutam... A tragédia foi esta, mas não houve dramaturgo que a escrevesse... Para que lhe estou eu dizendo isto?

Reparo de repente que a minha imaginação, à expensa da minha inteligência, fez uma crítica ao seu Livro. Fê-la amavelmente, como não podia deixar de ser, e porque assim o exigia o nosso convívio, esse no jardim antiquíssimo quando o Mundo não tinha criado ainda a necessidade de ter sido criado por Deus. Foram deveras de um ateísmo espiritual aquelas horas que perdemos nos jardins. Existíamos aí¹⁸ nós, porque o jardim éramos nós também. Depois os séquitos foram-se.

Os sons de sua ida prolixa demoraram-se na aragem... Ficou-nos a alma, como um exílio inevitável e nós escrevemos versos para nos lembrarmos de que fomos.

Abraça-o

Fernando Pessoa

¹⁶ ai] no jornal (apud Saraiva).

¹⁷ ai] no jornal (apud Saraiva).

¹⁸ Leia-se: “choro”.

ANO 14.º LISBOA - SEXTA-FEIRA, 15 DE MARÇO DE 1935 N.º 4425

Diário de Lisboa

Administrador e editor: MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rosa, 27, 2.º
Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO

Diário de Lisboa 55943
11-Avença-Of.
Biblioteca Municipal Central de LISBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO

Quando quisermos dos dois lados...

Ronald de Carvalho:

Apenas trocámos, tu em Paris e eu em Coimbra, o primeiro cumprimento de uma camaradagem que me prometa ser grata a ambos nós—a ti, sobretudo pela cordial rosa-de-ventos que te servia de coração e onde cada quadrante, como um íman, tanto carregava o metal de alto preço como as penas e coisas de nada. Agora, a morte que violentamente te cortou, a uma equidistância do Rio e da região litoral, como se te quisesse simbolicamente sangrar, na fonte e raiz da vida, para o Brasil te beber, comodamente nos tira a tua "Ex", de chancelaria e a minha "Ex", de cerimonia. Que transcendente alívio! Estamos assim restituídos à rocha da linguagem, ao princípio em que era o verbo e não havia na palavra a escamoteação hipocrítica do singular pelo plural, essa dissolução do nosso interlocutor numa espécie de multidão vaga e anónima, sem suporte nem frente—o pó. Como nos diálogos gregos e nos versículos evangélicos: *eu—tu; pello a pello*.

Pois é verdade. Eu penso que tua morte pode dignamente festejar-se como oferenda ao altar brasileiro, e portanto como sacrifício em aras mais largas, no solo e no socolo do meu e teu altare—à lusitanidade. Embarro um pouco e abuso raramente destas palavras caudais que se constroem comidade e que quasi sempre volam a nossa miséria preguiça de lhes esventar o conteúdo. Além disso, Endovelico foi um Deus duvidoso e não passa de um tacho de pedra guardado no Museu Etnológico. Mas, tu sabes, *Lusitania, lusitanidade, luso, lusado, lusitano* são sinónimos inventos de Hesende, Camões e de dois milhões para nos entendermos sobre um fundo que não é o teu Brasil nem o meu Portugal, mas a nossa origem e o nosso bloco, o sangue da língua que falamos e o halo do bafio que expelimos. Fosse esta coisa historicamente errada, que vitalmente é certa, como o ritmo das minhas artérias e a tua pulsação, ainda quente no corpo espiritual do Brasil. Oh, as odiosas ressonâncias involuntariamente retóricas das nossas verdades vivas!

Reparas que estas duas terras paralelas, cortadas no "sentido do Atlântico", como diria João de Barros, continuam a representar as rábulas de uma diferenciação que lhes não pede coisa alguma, porque está feita para sempre na medida em que todos os pares se sentem diferentes e unidos? A hora em que a Europa e a própria América se esqueçam das suas diversidades umas dentro do grupo Ocidente para gritarem—Alemanha! França! Inglaterra! Itália! e Estados Unidos! e Paraguai!—Portugal e Brasil gritam também *eu! e tu!* não como nós o estamos fazendo aqui, para salvar na noite do nosso diálogo humano os tímidos clarões de chamadas que se procuram e tentam, mas para acalmar o vento que pode apagar-las ambas?

Até a quiliça ortográfica—a questão da solta dos gritos—ajunta o seu desafio ao irritante dueto. E se há unidade, amigo, que temos de zelar e manter na hora das alandegas, essa é a da divina música de que não nos podemos separar, nem os brasileiros suspirantes nem os portugueses vangloriosos, e que enche de grandezas surpreendidas, nos instantes de recesso, os próprios que supunham cantar ao desatino segundo gamas irredutíveis.

Se falas destas coisas à tua gentilíssima sombra é que sou professor de português no estrangeiro e sinto e expulso quanto lizeste em vida para acabar com a rareficação da nossa língua na Europa. Nós, os lusitanos de cá, aceitamos quasi todos o prato pneumático e aí vivemos, parece, como peixe em redoma. Vocês, lusitanos da América, apesar de um pouco esquecidos dos computadores de astúcia, tentam quebrar o vidro e começam a saber exigir atenção e audiência.

Pois se o português é aquilo que se diz em português, para serem entendidos em França, ainda não foram dispensados do absurdo encoberto à Espanha, sob essa equívoca rubrica de um *hispanismo* que, defensável em relação a um remoto passado paralelo entre as duas calotes da península, não é hoje mais que eufemismo de uma regionalidade cultural acintosamente atribuída a Portugal e Brasil! Pois se quasi nos dão o galego como se fosse o texto incorrupto da nossa língua de civilização, procurada em Hamburgo para o comércio de longo curso e quasi estudada em segredo pelos missionários protestantes como chave de captação nas selvas do teu Brasil e da nossa velha África! Sabes? As máquinas de escrever, no estrangeiro, oferecem um teclado português com o til em ponto morto—e explicam: "para usar sobre o n, l—o que fez dizer ao bom do agente meridional que o requisitor para mim:—*C'est le clavier portugais... de Paris*."

Eu sei que a França, a Inglaterra, e sobretudo essa Alemanha tão extensivamente imperial quanto intimamente compreensiva, mal dos estudos românicos e da curiosidade sem limites, estão dispostas a receber e ouvir a nossa mensagem em português, a tua voz cariosa e o meu sotaque acorinado, sem que lhes importe essencialmente que tenhas muito que lhes dizer e eu pouco que adiantar. Eu dou por mim Antero; tu, consultado, darias o nosso comum Vieira, o teu Euclides da Cunha e mesmo, desde já, o teu Jorge de Lima. Mas a verdade é que não podemos deixar às elites da Europa absorver, da Europa orgulhosa das suas metrópoles do espírito, o cuidado de desfazer o equívoco da nossa estreita subordinação cultural ao mesmo da nossa inexistência. Temos de vir aqui, à terra estranha, de braço dado e sem populeiras em torno do ph e do y, clamar o nosso direito à comunidade dos que pensam, cada um com a voz que Deus lhe deu.

VITORINO NEMESIO

A este numero do "Diário de Lisboa", corresponde um suplemento literario de oito paginas

O MOVIMENTO turístico vai crescendo de ano para ano. Nós deixamos de pertencer ao paiz ignorado, pois a curiosidade europeia virou-se para nós. Frequentemente ouvimos falar nos recursos que poderíamos aproveitar para atrair viajantes. Quando chegará a hora das largas iniciativas?

Não nos embalemos com palavras. Quem diz turismo subentende estradas, hotéis, transportes, distrações, conforto e higiene. Que se require para tudo isto? Dinheiro, gosto e organização inteligente. Para colher é necessário semear, dentro dum programa cuja execução não fique entregue aos improvisadores impacientes.

Os Estoril, Cascais, Sintra, Ericeira e Mafra—porta-estandartes de Lisboa—constituído o eixo duma grande obra. Mas o plano tem de abranger todo Portugal—litoral e interior—desde Santa Luzia à Praia da Rocha, Ponta de Sagres e Monte Gordo. O trabalho parcelar, das pinguiñas, em vez de tornar-se útil e progressivo, virá a comprometer a solução do problema.

Pensem nisto os homens que, entre nós, são capazes de empenhar a rotina e desfazer o ceticismo, abrindo rasgados horizontes à velha terra dos navegantes, cheia de belezas, de monumentos e paisagens.

O GOVERNO português, numa merecida homenagem, acaba de conceder duas das mais nobres e prestigiosas figuras da literatura e da aristocracia francófonas.

Uma é a duquesa de Clermont Tonnerre, do mais limpo sangue da França, figura luminosa da velha heraldica flor-de-lisada, tipo literário que Paris admira e que, com o seu espírito, a sua elegância e as suas amizades fervorosas, tem servido com intensa paixão o nosso paiz, como se fosse a sua propria patria. O official de Santiago, que o nosso governo acaba de lhe conceder, fica bem no peito pontil de uma alta senhora, sem duvida, um dos nomes mais prestigiosos das letras francófonas.

Outra é a condessa de Chabrillon, presidente da secção literaria do admiravel Lyceum de Paris, distinguida com o official de Cristo, a quem se deve, em grande parte, a recente penetração do pensamento português em França, e que além de admirar vivamente o nosso paiz, não perde ocasião de o exaltar e de o acariar em todas as manifestações lusitadas, que ali se produzem.

O ENGENHEIRO sr. J. Duarte Ferreira publicou agora uma brochura que contém a sua conferência «Industria de Turismo», apresentada ha tempos no Congresso da U. N. Trata-se de um trabalho de valor muito documentado, e servido por uteis elementos estatísticos.

ALAVRAS do sr. dr. Martinho Nobre de Melo, illustra embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, acerca da nomeação do sr. dr. Carlos Malheiro Dias para embaixador em Madrid e transmitidas ao jornal A Noite:

«Passando do seu maior escritor vivo uma das suas mais altas representações officiaes no estrangeiro, Portugal dá publico testemunho de que considera as letras e as artes o mais nobre e puro instrumento de expansão e aproximação do povos.

«Filho de português e de brasileira, membro laureado das nobres duas Academias, homem de dois hemisferios—o europeu e o americano—entre os quaes ardentemente repartiu a sua vida laboriosa, a sua vida-coração-palçada, Malheiro Dias é bem um luso-brasileiro da estirpe dos Veiros, Gusmões e Andradas. A sua elevação a embaixador de Portugal resulta assim em representativa homenagem de um governo intelligente à consanguinidade secular das duas patrias lusitadas, e em publica consagração da nossa aproximação pelo espirito, à qual o grande romancista, herdeiro inconsciente do ceptro d. Eça de Queiroz, o ensaista e o historiador, votou o melhor da sua pena e do seu verbo.

«Por outro lado, que melhor hora podia ambicionar para si mesma a colonia portuguesa no Brasil do que esta brusca e oportuna ascensão daquella que era a sua figura mais representativa e que tantas vezes, máis que ninguém, em todos os tempos, foi—ao olhar da Pátria distante—a sua expressão luminosa?».

QUANDO o rei do Sião, Chulalan-korn, esteve entre nós—como os tempos vão e as lembranças se confundem!...—o rei D. Carlos, sabendo que um alto funcionario siamês fora condemnado à morte, resolveu intervir a favor dele pedindo ao seu hospede que lhe commutasse a pena. Esclamamos de dizer que foi atendido.

Id ao longe, em Bangkok, numa escura masmorra, o condemnado deve ter bebido a grata noticia de que a cabeça não lhe seria cortada nem afogada nas aves de rapina, com inequívocas manifestações de alegria. Acaso soube ele alguma vez quem interveio a seu favor?

DURANTE o ano passado emigraram de Portugal cerca de 7.500 portugueses, mil dos quaes de idade inferior a 14 anos.

O Brasil continua a ser o nosso mercado de exportação de homens, cerca de 5.000.

E' realisa, na Emissora Nacional, HOJE que, pelas 22 horas, se sob a regencia do maestro Frederico de Freitas, uma audição de musica do fono-filme português As pupilas do sr. Rector. Trata-se dum grande acontecimento de musica nacional, com o gosto dum avant première do filme, que deve entusiasmar os senfistas. Não se esqueçam: logo, ás 22 horas, regular o seu aparelho, no comprimento de onda da Emissora.

Fig. 16. *Diário de Lisboa*, n.º 4425, 15 de Março de 1935, p. 1. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiariodeLisboa/1935/Marco/N4425/N4425_master/DiarioLisboaN4425.pdf

Anexo 3

Carta a Ronald de Carvalho [Quando quisermos dos dois lados...]

Ronald de Carvalho:

Apenas trocámos, tu em Paris e eu em Coimbra, o primeiro cumprimento de uma camaradagem que prometia ser grata a ambos nós – a ti, sobretudo pela cordial rosa-dos-ventos que te servia de coração e onde cada quadrante, como um íman, tanto carregava o metal de alto preço como as penas e coisas de nada. Agora que a morte violentamente te cortou, a uma esquina do Rio e pela região inguinal, como se te quisesse simbolicamente sangrar, na fonte e raiz da vida, para o Brasil te beber, comodamente nos tira a tua “Ex.^a” de chancelaria e a minha “Ex.^a” de cerimonia. Que transcendente alívio! Estamos assim restituídos á rocha da linguagem, ao *principio* em que *era* o verbo e não havia no verbo a escamoteação hipocrita do singular pelo plural, essa dissolução do nosso interlocutor numa espécie de multidão vaga e anónima, sem suporte nem frente – *o vós*. Como nos diálogos gregos e nos versículos evangélicos: *eu – tu*; peito a peito.

Pois é verdade. Eu peso que atua morte pode dignamente festejar-se como oferta ao altar brasileiro, e, portanto, como sacrifício em aras mais largas, no solo e no socalco do meu e teu altares – a lusitanidade. Embirro um pouco e abuso raramente destas palavras caudais que se constroem com- *idade*¹⁹ e quase sempre velam a nossa morna preguiça de lhes esventrar o conteúdo. Além disso, Endovelico foi um Deus duvidoso e não passa de um taco de pedra guardado no Museu Etnológico. Mas, tu sabes, *Lusitania*, *Lusitanidade*, *luso*, *lusiada*, *lusismo* são cómodos inventos de Resende, Camões e de nós mesmos, para nos entendermos sobre um fundo que não é o teu Brasil nem o meu Portugal, mas a nossa origem e o nosso bloco, o sangue da língua que falamos e o halo do bafo que expelimos. Fosse essa coisa historicamente errada, que vitalmente é certa, como o ritmo das minhas artérias e a tua pulsação ainda quente no corpo espiritual do Brasil. Oh, as odiosas ressonâncias involuntariamente retóricas das nossas verdades vivas!

Reparas que estas duas terras paralelas, cortadas no “sentido do Atlântico” como diria João de Barros, continuam a representar as rábulas de uma diferenciação que lhes não pede coisa alguma, porque está feita para sempre na medida em que todos os pares se sentem diferentes e unidos? Á hora em que a Europa e a própria América se esquecem das suas diversidades umas adentro do grupo Ocidente para gritarem – Alemanha! França! Inglaterra! Itália! e Estados Unidos! e Paraguai! – Portugal e Brasil gritam também *eu!* e *tu!*: não como nós o estamos fazendo aqui, para salvar na noite do nosso diálogo humano os tímidos clarões de chamadas que se procuram e tentam, mas para açar o vento que pode apagá-las ambas?

¹⁹ com- *idade*] no jornal (com facilidade?).

Até a quizilia ortográfica – a questão da solta dos gritos – ajunta o seu desatino ao irritante dueto. E se ha unidade, amigo que temos de zelar e manter na hora das alfandegas, essa é a da divina musica de que não nos podemos separar, nem os brasileiros suspicazes nem os portugueses vangloriosos, e que enche de grandeza surpreendida, nos instantes de reflexão, os proprios que supunham cantar ao desafio segundo gamas irreduzíveis.

Se falo destas coisas á tua gentilíssima sombra é que sou professor de português no estrangeiro e sinto e experimento quanto fizeste em vida para acabar com a rarefação da nossa lingua na Europa. Nós, os lusitanos de cá, aceitamos quasi todos o prato pneumático e aí vivemos, parece, como peixe em redoma. Vocês, lusitanos da America, apesar de um pouco esquecidos dos companheiros de asfixia, tentam quebrar o vidro e começam a saber exigir atenção e audiencia.

Pois se o português é aquilo que se diz em português, para serem estudados em França, ainda não foram dispensados do absurdo encôsto á Espanha, sob essa equívoca rubrica de um *hispanismo* que, defensavel em relação a um remoto passado paralelo entre a duas calotes da península, não é hoje mais que eufemismo de uma regionalidade acintosamente atribuida a Portugal e Brasil! Pois se quasi nos dão o galego como se fôsse o texto incorrupto da nossa lingua de civilização, procurada em Hamburgo para o comercio de longo curso e quasi estudada em segredo pelos missionarios protestantes como chave de captação na selvas do teu Brasil e da nossa velha Africa! Sabes? As maquinas de escrever, no estrangeiro, oferecem um teclado português com o til em ponto morto – e explicam: “para usar sôbre o *n*, *l* – o que fez dizer ao bom do agente meridional que o requisitou para mim: *C’est le clavier portugais... de Paris*.

Eu sei que a França, a Inglaterra, e sobretudo essa Alemanha tão exteriormente imperial quanto intimamente compreensiva, mãi dos estudos romanicos e da curiosidade sem limites, estão dispostas a receber e ouvir a nossa mensagem em português, a tua voz carioca e o meu sotaque açoriano, sem que lhes importe essencialmente que tenhas muito que lhes dizer e eu pouco que adiantar. Eu dou por mim Antero; tu, consultado, darias o nosso comum Vieira, o teu Euclides da Cunha e mesmo, desde já, o teu Jorge de Lima. Mas a verdade é que podemos deixar ás *élites* da Europa absorvente, da Europa orgulhosa das suas metrópoles do espirito, o cuidado de desfazer o equívoco da nossa estreita subordinação cultural ou mesmo da nossa inexistencia. Temos de vir aqui, á terra estranha, de braço dado e sem peguilhas em tórno do *ph* e do *y*, clamar o nosso direito á comunidade dos que pensam, cada um com a voz que Deus lhe deu.

VITORINO NEMESIO

Bibliografia

- CARVALHO, Ronald de (1926). *Toda a América*, Rio de Janeiro: Pimenta de Mello e Cia. 1.^a edição, <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4378>; 2.a ed., com a versão espanhola de Francisco Villaspesa. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4372>
- _____. (1923). *O Espelho de Ariel*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil.
- _____. (1922). *Epigrammas ironicos e sentimentaes*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil. Tiragem de 700 exemplares, assinador pelo autor. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4364>
- _____. (1919). *Poemas e sonetos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo. Abaixo do título: (Obra premiada pela Academia de Letras). <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4371>
- _____. (1913). *Luz gloriosa: poema*. Paris: Officinas graphicas da Casa Crés et Cie [edição do autor]. <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-93>
- DAUNT, Ricardo (2009). “A passagem de Ronald de Carvalho por Portugal”. *Sibila: Revista de Poesia e Cultura*, 5 de abril. <https://sibila.com.br/mapa-da-lingua/a-passagem-de-ronald-de-carvalho-por-portugal/2742>
- SARAIVA, Arnaldo (2015). *Modernismo brasileiro e modernismo português*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1986). *O modernismo brasileiro e o modernismo português. Subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Porto: Rocha / Artes Gráficas [Vila Nova de Gaia]. 3 vols.
- SOUSA, Rui (2015). “Os bastidores brasileiros de Orpheu: páginas da revista *Fon-Fon!* (1912-1914). *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 7, primavera, pp-161-181. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0N58JW0>
- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1998). *Correspondência, 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1985). *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues*. Introdução de Joel Serrão. Lisboa: Livros Horizonte. 3.^a ed.
- _____. (1967). *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.

FERNANDO CARMINO MARQUES é Doutor em letras pela Universidade de Paris IV – Sorbonne (1997), onde lecionou, de 1994 a 2002, língua, cultura e literaturas de expressão portuguesa. Colaborou no Instituto Camões em Paris e foi docente responsável pelo ensino do português nas universidades de Versailles – St. Quentin e Marne-la-Vallée. Publicou vários estudos sobre temas e autores portugueses e brasileiros, dos séculos XVI, XIX e XX. Traduziu e editou o estudo inédito de Pierre Hourcade sobre a poesia de Fernando Pessoa: *A Mais Incerta das Certezas, Itinerário Poético de Fernando Pessoa* (Coleção “Ensaaios” sobre Fernando Pessoa; Lisboa: Tinta-da-china, 2016). Professor titular de língua e cultura portuguesa no IPG, é professor convidado na Universidade de Atenas. Realiza com frequência cursos e palestras sobre a poesia de Fernando Pessoa em diversas universidades europeias e brasileiras. Como autor de ficção, publicou vários livros.

FERNANDO CARMINO MARQUES holds a Ph.D. in Humanities from the University of Paris IV – Sorbonne (1997), where he taught Portuguese language, culture, and literature from 1994 to 2002. He collaborated with the Camões Institute in Paris and was responsible for Portuguese language instruction at the universities of Versailles – St. Quentin and Marne-la-Vallée. He has published several studies on Portuguese and Brazilian themes and authors from the 16th, 19th, and 20th centuries. He translated and edited Pierre Hourcade’s unpublished study on the poetry of Fernando Pessoa: *A Mais Incerta das Certezas, Itinerário Poético de Fernando Pessoa* (Collection “Ensaaios” on Fernando Pessoa; Lisboa: Tinta-da-china, 2016). Full Professor of Portuguese Language and Culture at IPG, he is a visiting professor at the University of Athens. He frequently conducts courses and lectures on the poetry of Fernando Pessoa at various European and Brazilian universities. As a fiction author, he has published several books.

JERÓNIMO PIZARRO é Professor da Universidad de los Andes, Titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Doutor pelas Universidades de Harvard (2008) e de Lisboa (2006), em Literaturas Hispânicas e Linguística Portuguesa. No âmbito da Edição Crítica das Obras de Fernando Pessoa, publicadas pela INCM, contribuiu com sete volumes, sendo o último a primeira edição crítica de *Livro do Desasoscego*. Em 2010 a D. Quixote publicou *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, livro que preparou com Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, depois de os três coordenarem a digitalização dessa biblioteca com o apoio da Casa Fernando Pessoa. De 2011 a 2013 Pizarro foi o Coordenador de duas novas séries da Ática (1. Fernando Pessoa | Obras; 2. Fernando Pessoa | Ensaística), contribuindo com mais de dez volumes. Actualmente dirige a “Coleção Pessoa” da Tinta-da-china. Em 2013 foi o Comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo) e ganhou o Prémio Eduardo Lourenço.

JERÓNIMO PIZARRO is a Professor at the Universidad de los Andes (Colombia), where he holds the Camões Institute Chair in Portuguese Studies. He holds a PhD in Hispanic Literatures (2008, Harvard University) and a PhD in Portuguese Linguistics (2006, Universidade de Lisboa). He has contributed seven volumes to the critical edition of Fernando Pessoa’s Works published by the INCM, the last volume being the first critical edition of the *Livro do Desasoscego* [The Book of Disquiet]. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, published by D. Quixote in 2010, was prepared with Patricio Ferrari and Antonio Cardiello, the other two coordinators involved in digitizing Pessoa’s private library with the support of Casa Fernando Pessoa. Pizarro was the editor-in-chief of two new Ática’s series (1. Fernando Pessoa | Works; 2. Fernando Pessoa | Studies), and he contributed more than ten volumes in the series. Currently, he is in charge of Tinta-da-China’s “Coleção Pessoa”. In 2013 he was the Program Director of Portugal’s visit to the International Book Fair of Bogotá and he won the Eduardo Lourenço Prize.